AGENDA FEMINISTA | 2026

# QUE FORÇA É ESTA?
# 50 ANOS DA UMAR.

UMAR

# CALENDÁRIO ANUAL | 2026

JANEIRO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
| 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 |
| 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | |

FEVEREIRO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | 1 |
| 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
| 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 |
| 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 |
| 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | |

MARÇO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | 1 |
| 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
| 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 |
| 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 |
| 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 |
| 30 | 31 | | | | | |

ABRIL

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | | | |

MAIO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | 1 | 2 | 3 |
| 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 |
| 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |

JUNHO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
| 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 |
| 29 | 30 | | | | | |

JULHO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | | |

AGOSTO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | 1 | 2 |
| 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 |
| 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 |
| 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 |
| 31 | | | | | | |

SETEMBRO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
| 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 |
| 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 |
| 28 | 29 | 30 | | | | |

OUTUBRO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
| 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 |
| 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | |

NOVEMBRO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | 1 |
| 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
| 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 |
| 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 |
| 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 |
| 30 | | | | | | |

DEZEMBRO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
| 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 |
| 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 |
| 28 | 29 | 30 | 31 | | | |

# AGENDA FEMINISTA 2026

|QUE FORÇA É ESTA? 50 ANOS DA UMAR|

ESTA AGENDA PERTENCE A:.....

.....

ENDEREÇO:.....

.....

MAIL:.....

.....

CONTACTO:.....

.....

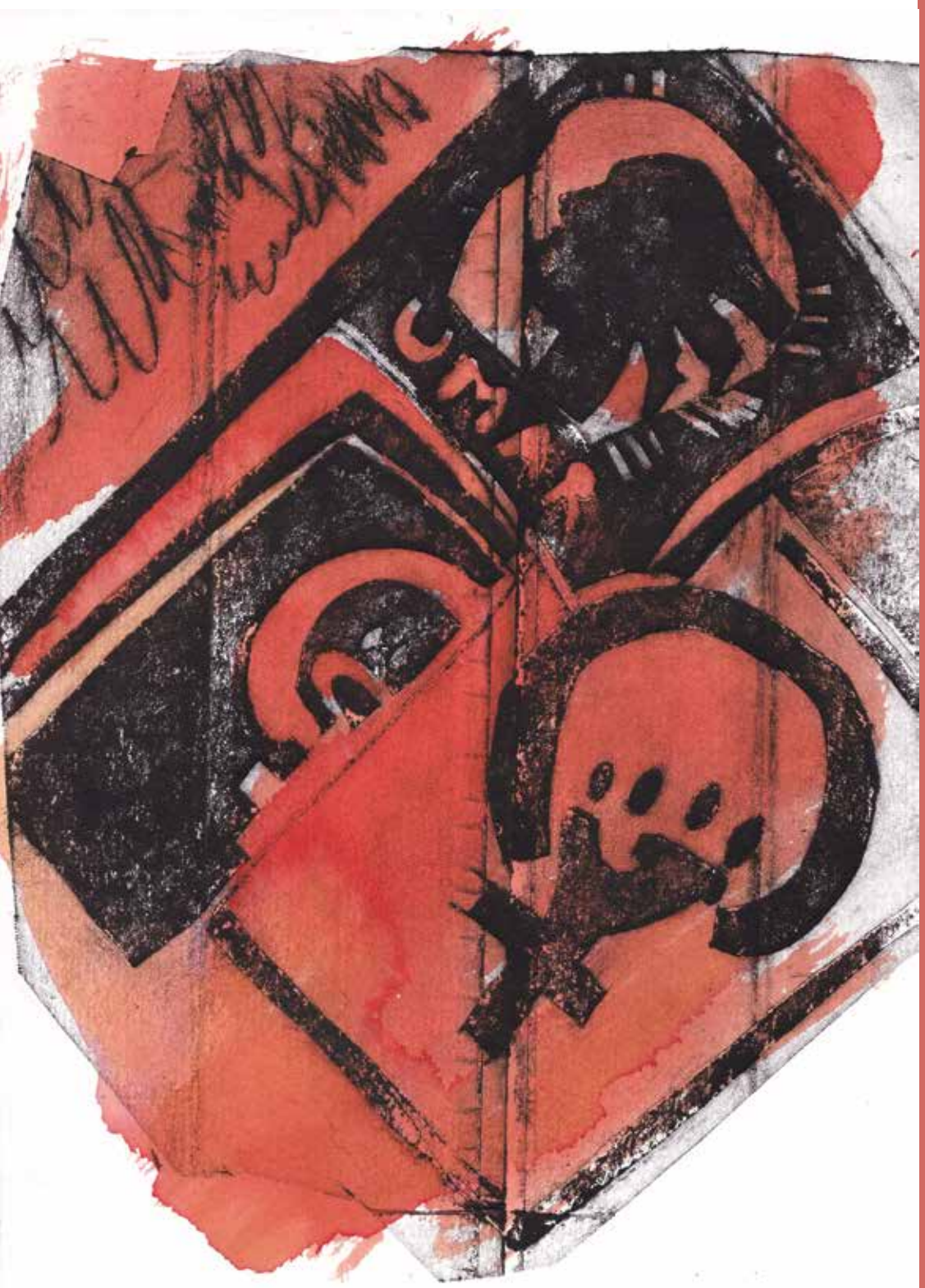
CONTACTOS DE EMERGÊNCIA:.....

.....

.....

.....

UMAR



# QUE FORÇA É ESTA?

Que força é esta que nos leva a lutar pela defesa dos direitos das mulheres durante 50 anos?

A consciência feminista de muitas e muitas mulheres que estiveram e estão na UMAR e que se alimentou do ativismo que tem marcado as suas/nossas vidas foi, e continua a ser, a base fundamental da resiliência e resistência da associação.

Mas também o debate de ideias!

Um debate sem preconceitos, de mente aberta para encontrar caminhos que se entrecruzem nas diversas áreas em que a UMAR tem atuado: discriminações múltiplas; violências de género, doméstica e sexual; despenalização do aborto e direitos sexuais e reprodutivos; direitos laborais das mulheres; paridade na vida pública e privada; direitos das pessoas trabalhadoras do sexo; direitos das mulheres imigrantes; direitos LGBTIQI+.

O preconceito e a discriminação das mulheres em função da idade (idadismo de género), a identidade e reconhecimento de direitos das mulheres que vivem em territórios rurais, a memória de mulheres nas suas lutas quotidianas e em várias regiões do país como forma de enriquecer a História dos Feminismos foram também temas de debate e reflexão.

Um feminismo interseccional que é genuíno, desde os tempos em que as umaristas professoras, juristas, trabalhadoras de serviços se ligaram às operárias em autogestão, como no caso da Sogantal, ou em luta por igualdade salarial. As causas delas também eram as nossas causas! E cada uma delas sentia discriminações no trabalho e em casa, assim como as sentia pela cor da sua pele, se eram cabo-verdianas ou guineenses. Se viviam em bairros de barracas, ou se já tinham uma casa para viver.

Se nos inícios da UMAR, as mulheres dos bairros sociais lutaram por casas dignas, ocupando casas vazias, hoje ficamos indignadas pelos despejos com violência institucional de quem constroi a sua barraca, porque não tem salário para alugar uma casa. As mulheres e as crianças são as mais afetadas! Sempre foram e continuam a ser.

A indignação também tem sido uma das bases do nosso ativismo. Luísa Semedo, jornalista do Público, em artigo de 8/7/2025, afirma "indignar-se e transformar essa indignação em ação; acreditar que se pode fazer algo para transformar o mundo e aceitar ter a utopia como horizonte". Este tem sido o sentido do ativismo da UMAR. Atualmente, este ativismo amplia-se pelas redes sociais e apela à rua como palco dos acontecimentos.

O nosso feminismo interseccional considera a classe social, a identidade de género e as suas formas de expressão, a raça/etnia, a pertença territorial como formas de analisar as discriminações que recaem sobre as mulheres e que devem ser tratadas numa visão mais global das suas vidas.

O nosso feminismo é também inclusivo e solidário. Por isso, criámos um grupo de ajuda mútua para mulheres com cancro da mama e sempre apoiámos as mulheres que desesperadas se iam entregar às mãos do aborto clandestino, levando-as a Espanha onde podiam de forma legal e segura interromper a sua gravidez.

Três décadas numa luta comum com outras associações pela despenalização do aborto, mostraram, que apesar das contradições, foi fundamental essa unidade para a vitória do Sim no segundo referendo.

Nos momentos mais difíceis como estes que atravessamos, em que a ideologia da extrema-direita tenta impor-se, colocando em causa os nossos direitos, torna-se fundamental unir esforços para que os feminismos continuem a ser as referências para as mulheres, que querem mudar as suas vidas e a sociedade machista e patriarcal que nos oprime.

JANEIRO

## ECOFEMINISMO, GUERRAS E CRISES GLOBAIS: HORIZONTES DE VIDA FEMINISTAS

|LUÍSA BARATEIRO E CAROLINA MOREIRA|

Vivemos uma era em que a crise climática, as guerras e a aceleração tecnológica se entrelaçam, revelando a falência de um modelo civilizacional baseado na dominação da natureza, das mulheres e dos territórios. O ecofeminismo oferece uma lente crítica e transformadora, pois reconhece que a raiz destas crises é comum: a lógica patriarcal e capitalista que hierarquiza a vida. Como afirmou Jane Goodall, "somos parte do mundo natural e, se continuarmos a destruí-lo, destruímos a nós mesmos". Este é o lembrete ético que o ecofeminismo traz: não há justiça social sem justiça ecológica, nem sustentabilidade sem libertação feminista.

A UMAR, inserida na Marcha Mundial das Mulheres (MMM), tem sido parte ativa desta resistência internacionalista. A Caravana Feminista de 2015 atravessou a Europa denunciando desigualdades, militarismo e injustiças ambientais, sob o lema "Resistimos para viver, marchamos para transformar". A defesa da soberania alimentar, o direito de decidir como produzir e consumir alimentos de forma justa e sustentável, tornou-se símbolo da ligação entre feminismo e ecologia. Como afirma a MMM, "não haverá feminismo sem soberania alimentar, nem soberania alimentar sem feminismo".

O retrocesso da ação climática internacional mostra que o sistema continua a privilegiar a guerra sobre a vida. Financia tanques e drones em vez de políticas de cuidado e mitigação climática. As mulheres, sobretudo as do Sul Global, estão na linha da frente destas crises: perdem terras, trabalho e direitos, tornando-se refugiadas climáticas. Como lembra Vandana Shiva, a "monocultura da mente" destroi a diversidade ecológica e cultural, impondo a lógica do lucro sobre a vida.

As guerras são expressão máxima da masculinidade hegemónica e da soberania patriarcal. O Estado moderno, fundado em valores de força e controlo, legitima a violência como instrumento político. Os gastos militares crescem à custa de políticas sociais, ambientais e de igualdade. Como observa Maria Mies, o militarismo é uma forma de violência estrutural. Invisível, mas profundamente destrutiva. Nas guerras, os corpos das mulheres tornam-se campos de batalha e as paisagens, territórios de ruína.

A disputa por recursos estratégicos alimenta conflitos e novos colonialismos verdes, sob o pretexto da transição energética. A economia de guerra e o neoextrativismo sacrificam comunidades e ecossistemas. A crise alimentar, agravada pela guerra e pelas alterações climáticas, afeta desproporcionalmente as mulheres, responsáveis pelo cuidado e pela sobrevivência familiar. Quando a terra se esgota, também os corpos femininos adoecem.

A tecnologia, longe de neutra, reproduz desigualdades e consome recursos energéticos imensos. A inteligência artificial depende de mineração intensiva de dados e energia, ampliando impactos ambientais e éticos. Donna Haraway lembra que o ciberespaço é também um campo de poder, onde corpo e natureza são reconfigurados por lógicas patriarcais. Os vieses de género nos algoritmos reiteram o apagamento das mulheres e da Terra, a mesma exclusão que o ecofeminismo denuncia.

O ecofeminismo propõe horizontes de resistência e vida: paz em vez de guerra, cuidado em vez de controlo, solidariedade em vez de exploração. As redes feministas internacionais mostram que outras economias e políticas são possíveis. Colocar a vida no centro, como propõe Yayo Herrero, é o desafio ético do nosso tempo. Enquanto o mundo investe em armas, as mulheres constroem pontes. Enquanto o patriarcado produz morte, o ecofeminismo insiste na regeneração. Por isso, afirmamos com a força da Marcha Mundial das Mulheres: enquanto gastarem em destruição o que deveriam investir em vida, marcharemos pela Terra, pela paz e pela dignidade.

DEZEMBRO

**29** 2ª

**30** 3ª

**31** 4ª

JANEIRO

**1** 5ª

Feriado

**2** 6ª

De **2022** – A UMAR começou a desenvolver ações de sensibilização e prevenção nos espaços de associações que apoiam pessoas imigrantes (CEPAC,FCL, AGUINENSO, CIPMIPP).
De **2024** – A UMAR começou a desenvolver um projeto que iniciou sessões de sensibilização com técnicas da SAMANE que é uma associação de apoio às mulheres grávidas e mães negras/racializadas contra violência obstétrica.

**3** SÁB.

**4** DOM.

**5** 2ª

De **1993** – A UMAR inicia a recolha de assinaturas de solidariedade com uma jovem do bairro da Musgueira, grávida de 7 meses que ocupou uma barraca vazia no bairro e que tinha sido presa, sido indignadamente tratada pela polícia.

**6** 3ª

**7** 4ª



**8** 5ª

De **2014** – Início do 2º ciclo da Universidade Feminista sobre Arte e Literatura.

**9** 6ª

**10** SÁB.

**11** DOM.

**12** 2ª

**13** 3ª

De **2010** – A UMAR realiza uma concentração no Parque Eduardo VII de evocação da manifestação de 13 de Janeiro de 1975 com o seguinte lema: "*35 anos depois as feministas regressam ao Parque Eduardo VII*" com a participação de algumas das protagonistas que estiveram em 1975 e que sofreram da agressividade machista dessa época.

**14** 4ª

JANEIRO

**15** 5ª

**16** 6ª

**17** SÁB.

**18** DOM.

De **2018** – A UMAR solidariza-se com as trabalhadoras da Triumph, cuja fábrica tinha sido vendida a uma empresa "especialista" em criar falências fraudulentas e assim colocar na rua mais de 400 trabalhadoras.

**19** 2ª

**20** 3ª

**21** 4ª



**22** 5ª

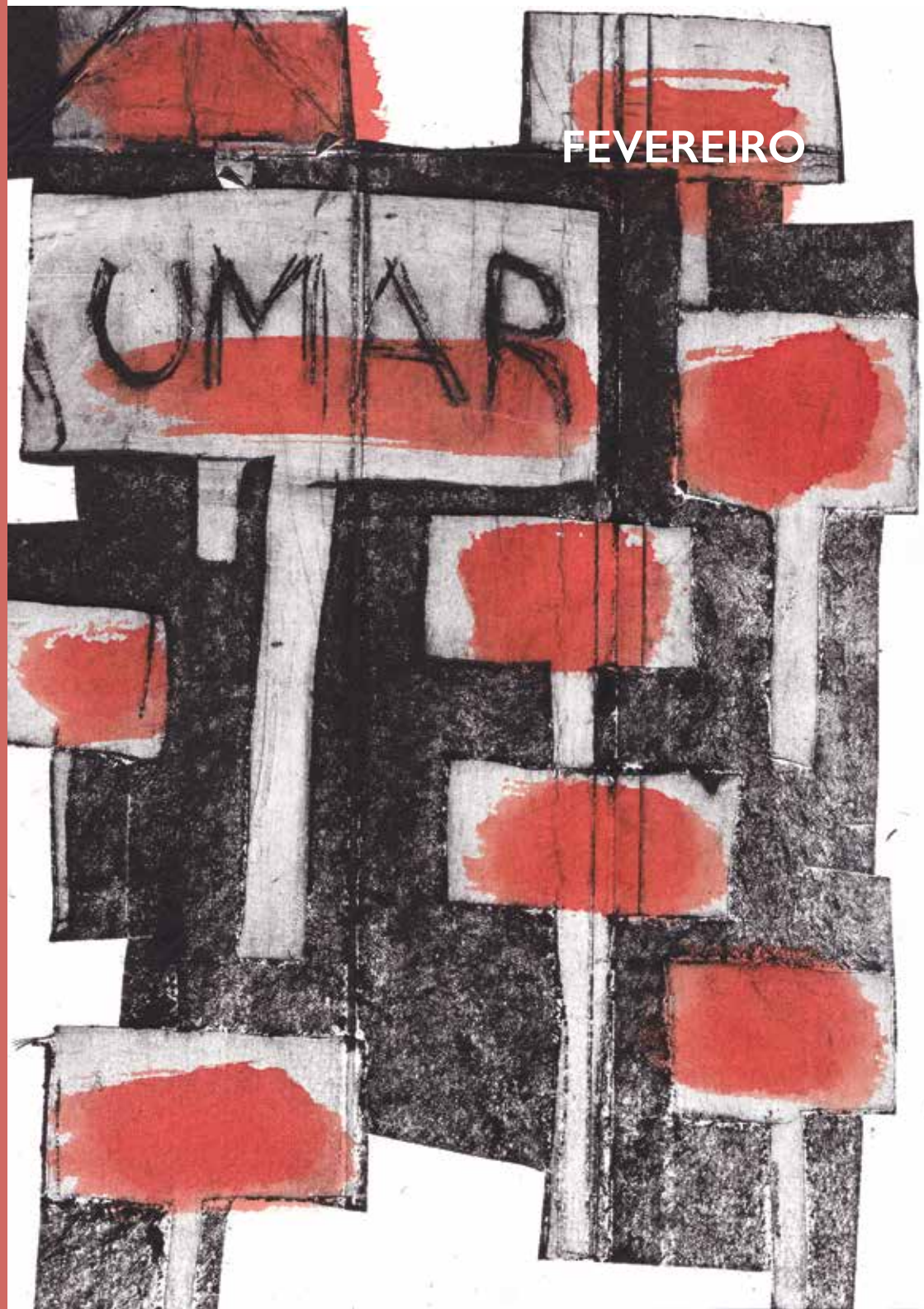
De **1989** – A UMAR organiza o debate "*Droga que atitude?*" perante o elevado número de mulheres que nos contactava por terem filhos toxicodependentes.

**23** 6ª

**24** SÁB.

**25** DOM.

De **2012** – Sessão na UMAR de homenagem à feminista lésbica Judith Teixeira.


FEVEREIRO
UMAR

## FEMINISTIZARTE: QUANDO A ARTE É ATIVISMO

|CARLA CERQUEIRA, HELENA GRANGEIA, LILIANA RODRIGUES, PATRÍCIA MARTINS, SARA MAGALHÃES E TATIANA MENDES|[1]

*"Podem decretar mandar calar-te/ Dizer que nossa voz é um enguiço/*
*Podem decretar o fim da arte/ E a gente faz uma canção sobre isso/*
*Podem decretar o fim da arte/ É como decretar o fim da chuva/*
*Há sempre alguém que sonha em qualquer parte/*
*E a nossa voz nunca será viúva"*

*Cátia Oliveira aka garota não*

Em 2008, um grupo de "benditas jovens"[2] da Universidade do Minho – estudantes, sonhadoras, ativistas – decidiu que era hora de agitar as águas em Braga. Ao conhecerem a União de Mulheres Alternativa e Resposta e participarem no seu Congresso Feminista de 2008[3], perceberam a inexistência de associações, coletivos e ação feminista na região. Nasceu assim a UMAR Braga, uma extensão vibrante da histórica UMAR. E como toda a boa ação feminista, começou com encontros, ideias e uma vontade teimosa de transformar o mundo. Este núcleo pretendia criar espaços de reflexão crítica numa cidade que, apesar de jovem, era bastante conservadora. Pretendíamos ir além de um desconforto individual face ao conformismo e à apatia dominantes. Queríamos uma consciência crítica mais ampla, algo coletivo. Questionávamos o status quo e abríamos brechas por onde se adivinhava progresso social. Éramos e somos ambiciosas. Desde então, o núcleo tem desenvolvido localmente ações, em linha com o que se faz ao nível nacional, numa agenda feminista e interseccional.

1. Autoria em ordem alfabética das velhas bruxas da UMAR Braga, sem pretensão de hierarquização.

2. Convém esclarecer a ironia, porque a jovialidade que nos caracterizava e pela qual éramos apelidadas na altura pelas companheiras da UMAR, perdura numa juventude "sem fim", marcada ainda hoje pela precariedade e instabilidade nas nossas vidas. Fomos jovens aos 25 e ainda o somos aos 40!

3. Ano do centenário do nascimento de Simone de Beauvoir.

Ao longo dos anos, foi paulatinamente ganhando visibilidade e influência, atuando em diversos espaços com diferentes públicos, num trabalho em rede, chegando às pessoas e às instituições. As estratégias implementadas foram variando e as ações surgindo a partir de uma estreita relação entre o tempo e as pessoas que iam formando o núcleo, já que este foi mudando em número e diversidade. Destacam-se iniciativas como: a criação do Observatório das Representações de Género nos Media; a elaboração da campanha Construir a igualdade de género, Não há cartas fora do baralho, bem como da Bem-Me-Gosta ou Mal-Me-Gosta?, para a prevenção da violência na intimidade e da Stand by her, no âmbito da violência sexual e do assédio sexual; o desenvolvimento de ações nas redes sociais durante a pandemia Aqui dentro de casa, a luta continua! e Democracia é uma luta constante!; a realização do Mural pela Igualdade na Praça das Fontainhas; e a convocatória anual a entidades públicas e privadas e à sociedade civil para se apresentarem publicamente De luto e em luta pelas mulheres assassinadas, desde 2019. Paralelamente, a UMAR Braga tem ali implementado projetos, através de programas locais e nacionais de financiamento e intervenção importantes para a consolidação da ação no distrito. Com os objetivos de promover a igualdade de género e prevenir a violência de género, nomeadamente a violência na intimidade e a violência sexual, cruzando os media, a educação e a cidadania, recorrendo a diferentes estratégias para a sensibilização, consciencialização e conscientização, estes projetos foram/são: o PubliDiversidade; o CAPACITARTE; o Norteando a Igualdade de Género; o VIVA – Vê, Informa-te, Vai e Age; o ART'THEMIS+; e o Livros e Ação!.

O seu percurso, porém, é marcado por uma constante: o recurso à Arte para a intervenção e transformação social. Foi assim que surgiu o FeministizArte, o primeiro festival de arte feminista – dito por extenso - nacional, que ocupou museus, livrarias, ruas e salas de espetáculo. Certamente, teria havido outros eventos, mas as ditas jovens não recearam avançar assim, manifestamente, numa cidade adormecida culturalmente, longe das capitais. Sem rede e sem qualquer experiência em curadoria, pensaram em algumas premissas, para além das temáticas feministas: a descentralização e a democratização da Arte, a diversi-

dade de espaços e de expressões artísticas. Os feminismos iriam, decididamente, habitar o espaço público bracarense, agitar consciências e questionar convicções. O sucesso do FeministizArte dependeria tão somente da sua própria concretização.

Em reuniões na nossa cara Velha-a-Branca – Estaleiro Cultural, organizaram – organizamos – então o FeministizArte I e II, pretendendo "divulgar trabalhos de artistas e sensibilizar a comunidade local e nacional para o(s) feminismo(s) sob distintos olhares". Sem grandes recursos, mas com uma energia contagiante, o festival trouxe à tona temas como violência de género, sexualidades, direitos reprodutivos, liberdade de escolha e de expressão – tudo através da Arte. Performances, exposições, tertúlias, música e poesia tornaram-se ferramentas de luta e de transformação. Porque sim, a Arte também é política. E pode ser feminista, por parte de quem a produz, a expõe e até, lembrando a Louise Bourgeois, de quem a vê.

Nos dias 27, 28 e 29 de novembro de 2009, em  espaços como a Velha-a-Branca – Estaleiro Cultural, o Museu Nogueira da Silva, a Torre de Menagem, o Museu de Arqueologia Dom Diogo de Sousa estiveram, em exposição permanente e de livre acesso, trabalhos de Ana Pereira, André Alves, Carla Cruz, Cristiana Miranda, Maciel Cardeira, Maria Lusitano Santos, Nádia Duvall, Poderiu, Renato Roque, Rosa Vaz e Suspiria Franklyn. Houve igualmente uma performance de Flávio Rodrigues e uma Tertúlia sobre "Arte e Feminismos" que contou com as presenças de Ana Gabriela Macedo, Ana Paula Canotilho, Angélica Lima Cruz, Cristiana Pena e Maria José Magalhães. Finalmente, realizaram-se concertos e performances no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de AbztraQt Sir Q, Carla Cruz, GATA (Grupo de Activismo e Transformação pela Arte), Micaela Maia e a pianista Teresa Vila Verde. No FeministizArte II, ao longo do mês de setembro de 2011, estiveram as exposições permanentes de trabalhos de Mariana Bacelar, Mariana Selva, Ana Pereira e Natacha Pereira na Velha-a-Branca - Estaleiro Cultural; na Livraria Centésima Página as obras da artista Olga Barbosa; o espaço Quatorze acolheu um trabalho de Helena Elias. Nestes espaços foram apresentadas performances do GATA, de Vânia Silva, Maíra Ribeiro e Ana Baptista, Armando Pinho e do Tin.Bra, realizadas mesas redondas e apresentações de livros de Ana Gabriela Macedo e de Manuela Tavares, bem como uma performance de Flávio Rodrigues na Casa do Rolão. Dando continuidade a este trabalho, no mesmo ano, a UMAR lançou a Agenda Feminista de 2011 – Artes e Feminismos, "com o objetivo de dar a conhecer artistas/obras feministas que desafiam o cânone e pessoas, acontecimentos, entre outros, que contribuem para ruturas epistemológicas e culturais, permitindo perspetivar o mundo de formas diversificadas a alternativas às dominantes". O FeministizArte, Festival de Arte Feminista I e II, deixou assim a sua marca na história da UMAR, do núcleo de Braga e na cidade.

Todavia, a UMAR Braga não se limita ao festival. Na sua ação, a Arte é um pilar fundamental, seja pelo recurso à literatura, à poesia, ao cinema, ao design e à fotografia, à performance e ao teatro, numa postura horizontal, coletiva, participativa e inclusiva – onde cada voz conta, cada gesto é resistência, e cada encontro é uma celebração da diversidade. Enquanto reflexo das realidades, a arte é reprodutora de normas, de discursos, de ideias, de cultura, de conhecimento, podendo também ser produtora de novas ideias, nem que seja pela contestação e a subversão daquilo que vigora e é dominante. A arte pode ser então um espaço de resistência, esperança, empatia e transformação, ajudando a imaginar alternativas e a construir um mundo melhor, rumo à utopia. Com um enorme poder de comunicação, quem produz explora e estabelece uma relação com quem frui a partir das emoções mais básicas. Nesta fruição, mais do que um objeto puramente estético, podem caber as diferentes formas de sentir, pensar e fazer o mundo.

E este mês, inspiramo-nos nessa energia. Vamos feministizar tudo: os cadernos, os murais, os silêncios. Vamos lembrar que a arte é ferramenta, é ponte, é punho cerrado e mão estendida. Que cada traço pode ser manifesto, cada verso pode ser protesto, cada dança pode ser revolução.

Então, feminista, artista, sonhadora – este mês é teu. Pega na tua tinta, na tua voz, no teu corpo e ocupa o espaço. Porque a nossa história também se escreve com cor, com som, com movimento. A arte é política. E em fevereiro, a agenda é palco.

**26** 2ª

**27** 3ª

De **2012** – Exibição do filme "A respigadora" de Erin Brockovich com debate.

**28** 4ª



**29** 5ª

**30** 6ª

De **2009** – Curso Livre da UMAR com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa sobre "*As Mulheres e a República, Romper as Invisibilidades*".

**31** SÁB.

De **1988** – A UMAR lança a Declaração "*Juntas pela Dignidade*" como resposta à Campanha da direita política "*Não mates o Zézinho*". Esta Declaração foi subscrita por um largo conjunto das mulheres criando a base para ações comuns pela despenalização do aborto. Lançamento do livro de testemunhos sobre o aborto.

**1** DOM.

De **2014** – Manifestação "*Solidariedade com as mulheres espanholas. Não à Lei Gallardon!*" em Lisboa (do Cais do Sodré ao Consulado de Espanha).
De **2018** – Início do projeto ART´THEMIS+ na Madeira.

**2** 2ª

**3** 3ª

**4** 4ª

De **2012** – Sessão na UMAR sobre Literatura Feminista Galega com Maria Pilar Negro e Marica Campo.



**5** 5ª

De **2014** – Início do 3º ciclo da Universidade Feminista sobre Correntes Feministas.

**6** 6ª

De **1997** – A UMAR entrega ao Presidente da Assembleia da República as dezenas de depoimentos da linha SOS Aborto.

**7** SÁB.

**8** DOM.

**9** 2ª

**10** 3ª

**11** 4ª

De **1981** – A revista Mulher D´Abril lança o 1º inquérito às relações familiares, pioneiro no país e organizado por Anália Torres.

De **2007** – 2º Referendo com vitória do SIM à despenalização do aborto.

FEVEREIRO

**12** 5ª

**13** 6ª

**14** SÁB.

A UMAR lança todos os anos, desde 2017, dados sobre a violência no namoro entre jovens.

De **2013** – Início do projeto BIG – Bibliotecas pela Igualdade de Género em que a UMAR circulava com uma biblioteca itinerante com livros e folhetos de informação por vários locais do Alentejo.

**15** DOM.

De **2009** – Abertura no Porto do Centro de Atendimento e Acompanhamento a mulheres vítimas de violência (PRATI).

**16** 2ª

De **2012** – Sessão sobre o Teatro do Oprimido: "*Óprima!*".

**17** 3ª

**18** 4ª

De **1992** – A UMAR participa no seminário "*Mulheres, Ambiente e Desenvolvimento*", organizado pelo Conselho Consultivo da CIDM, com a participação de Maria de Lourdes Pintasilgo.

FEVEREIRO

**19** 5ª

De **1997** – A UMAR realiza o seminário "*Mulheres, fios in(visíveis) da teia do desenvolvimento*".

**20** 6ª

**21** SÁB.

**22** DOM.

De **2011** – Rota dos Feminismos contra o Assédio Sexual – A Rota abrange várias cidades do país e são realizadas ações sobre o tema e aplicado um inquérito por questionário.

# MARÇO

## A AUTONOMIA DAS MULHERES NA SAÚDE E NOS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

|JOANA SALES, IDALINA RODRIGUES E MARIA DOVIGO|

As feministas da década de 1960 introduziram a decisão sobre o seu corpo como uma das vertentes do feminismo da época. Esta ideia percorreu as décadas seguintes, sendo que, a partir de 1977, a UMAR centrou a sua luta na despenalização do aborto, construindo pontes entre diversas associações, até ao referendo de 2007, que deu o SIM à atual lei de interrupção voluntária da gravidez.

Na atualidade, a UMAR luta pela incorporação de perspectivas feministas na saúde coletiva, pretendendo que estas sejam uma base estruturada para a construção de políticas públicas e práticas verdadeiramente equitativas e emancipadoras. Por isso, defendemos a integralidade e a universalidade dos Serviços de Saúde, Direitos Sexuais e Reprodutivos, em que as mulheres tenham plena autonomia nas decisões sobre os seus corpos, cuidados centrados na sua experiência.

Temos promovido iniciativas e sessões sobre temas diversos com o intuito de disseminar informação sobre tudo o que diz respeito à saúde das mulheres. Promovemos sessões no CCIF/UMAR (Centro de Cultura e Intervenção Feminista) sobre o aborto, a maternidade, a violência obstétrica, reprodução, gravidez, cancro de mama, gordofobia, sexualidade das idosas; fizemos sessões em escolas sobre sexualidade; criamos grupo de ajuda mútua on-line a mulheres com cancro de mama durante a pandemia. Queremos ser a ponte na transmissão de recursos, queremos acompanhar, escutar, apoiar, construir caminhos sobre o que pode ser melhorado, transformar em reivindicações os testemunhos das barreiras que as mulheres enfrentam no acesso a cuidados de saúde.

Também no acesso aos cuidados de saúde e à investigação em saúde, o mundo é, por defeito, masculino, pensado para o corpo dos homens e para os hábitos quotidianos de homens. O corpo das mulheres é "estranho", desviado da norma, o que se traduz em cuidados que não atendem à complexidade e especificidade das mulheres, como organismos e como protagonistas de vidas marcadas por teias de relações.

**23** 2ª

**24** 3ª

**25** 4ª



**26** 5ª

**27** 6ª

**28** SÁB.

**1** DOM.

## 2
2ª

## 3
3ª

## 4
4ª



## 5
5ª

De **1989** – A UMAR realiza o seu 4º Encontro Nacional, na Casa do Comércio em Lisboa.
De **2024** – Conferência de imprensa de divulgação do Manifesto feminista interseccional, no Porto, Atmosdera M.

## 6
6ª

De **2012** – A UMAR entrega no Parlamento aos deputados um Kit pela Paridade que incluía um pin #Eu sou pela Paridade", uma pílula pela Paridade e uma mola de roupa.

## 7
SÁB.

De **2015** – Protocolo de cedência à UMAR dos espaços LAAR – Liberdade, Autonomia, Afeto e Recuperação – no Porto.

## 8
DOM.

**Dia Internacional das Mulheres** – A UMAR participou ao longo dos anos nas manifestações do 8 de março convocadas por iniciativa de diversas associações de mulheres, entre as quais a UMAR.
De **1997** – Morte de uma mulher no bairro de Aldoar no Porto por ter provocado a si mesma um aborto. Em conferência de imprensa a UMAR denuncia a situação mostrando a urgência de uma lei que permitisse a IVG nos hospitais.
De **1981** – A UMAR entrega no Parlamento um manifesto com diversas reivindicações, entre as quais o direito à contraceção e aborto.
De **1988** – A UMAR colabora no projeto lei das ONGs sobre as Associações de Mulheres.
De **2015** – A UMAR denuncia recuos nos direitos das mulheres e lança campanha contra o assédio sexual no local de trabalho.

**9** 2ª

**10** 3ª

**11** 4ª



**12** 5ª

**13** 6ª

**14** SÁB.

**15** DOM.

**16** 2ª

**17** 3ª

**18** 4ª



**19** 5ª

De **2014** – início do 4º ciclo da Universidade Feminista sobre Intergeracionalidade dos Feminismos.

**20** 6ª

**21** SÁB.

**22** DOM.

**23** 2ª

**24** 3ª

**25** 4ª



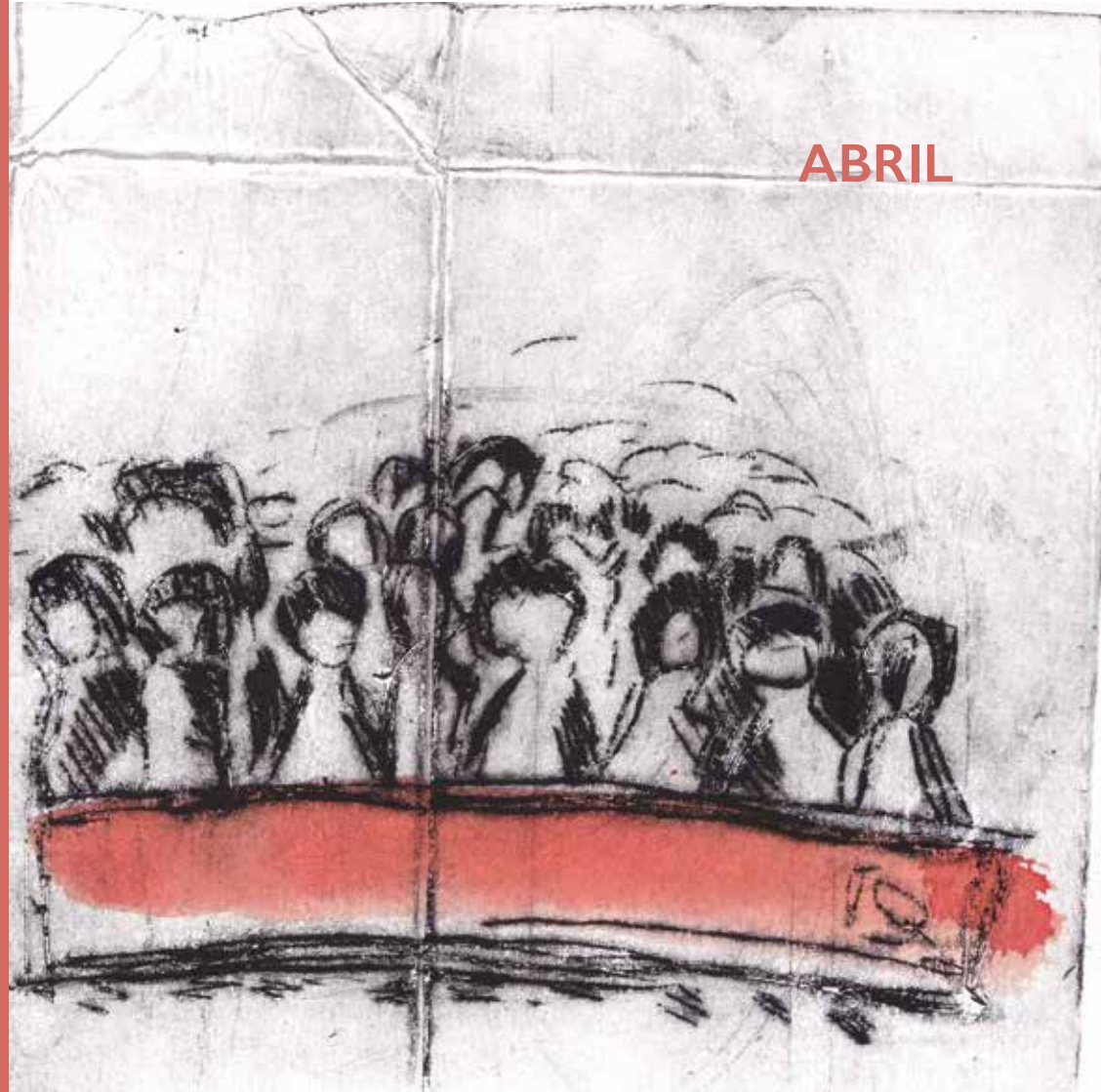
**26** 5ª

**27** 6ª

**28** SÁB.

**29** DOM.

# ABRIL



## MEMÓRIA E FEMINISMOS
|GUIDA VIEIRA E MANUELA TAVARES|

As preocupações com quem ficou silenciado na História sempre marcaram a história da UMAR, em especial quando as mulheres nos diziam que não tinham feito nada de especial! Os silêncios em torno das suas vidas, as vozes que se calavam quando se pretendia que falassem delas próprias, estavam ligadas à falta de valorização pessoal. Por isso, quando decidimos de forma mais contínua avançar com este trabalho de libertar as suas vozes, apresentámos à CIG (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género) o projeto "Memória e Feminismos" que se iniciou em 2012/2013 com o apoio da pequena subvenção às ONG's.

> *"Perante os nossos olhos, começaram a esvoaçar as borboletas da infância, os cantares da nossa ruralidade, os sonhos, as desilusões, os preconceitos, as conquistas, os desejos, a alegria da participação e da conquista de objetivos e sobretudo o de ser mulher em todos os sentidos"*
>
> *Guida Vieira, Coordenadora do Projeto na Madeira, Ecos de Memória, 2013.*

Este projeto tem como objetivo traçar os percursos de vida de Mulheres no Século XX em Portugal e insere-se na valorização da memória dos feminismos pela voz das próprias mulheres que, ainda vivas, têm contributos incontornáveis para a história dos movimentos de mulheres.

Trata-se de captar a voz das mulheres de várias Regiões do País e de diferentes setores mais específicos, traçando a evolução das suas vidas no último século.

Trata-se também, segundo Teresa Sales, coordenadora nacional do projeto de "centrar a recolha de histórias de mulheres no processo historiográfico de que sempre estiveram arredadas"; "neste processo, encontramos mulheres que tinham participado nas crises académicas durante a ditadura salazarista".

Foram entrevistadas noventa e três mulheres com experiências pessoais distintas, com diferentes idades, da Madeira, Minho, Setúbal, Coimbra, Açores, Sudoeste Alentejano, Viseu e margens do Porto. Também foram entrevistadas mulheres de Cabo Verde a viver em Portugal desde a década de 1960.

Já temos publicados, em documentos físicos, 13 livros que ajudam na nossa intervenção feminista e no trabalho mais organizado, pois entender a história das mulheres é um passo fundamental para continuar o trabalho no presente e prosseguir com a nossa intervenção no futuro.

**30** 2ª

**31** 3ª

**1** 4ª

De **2024** – A UMAR começou a desenvolver um projeto que iniciou trabalho de sensibilização em parceria com líderes religiosos sobre a prática da mgf nas mesquitas (CIP-Comunidade Islâmica de Palmela,Sheik David Munir-Mesquita Central de Lisboa,AMCI-associação Multicultural Islâmica de Amadora).



**2** 5ª

De **2014** – Início do 5º ciclo da Universidade Feminista sobre "*40 anos após abril: Evoluções e Continuidades*".

**3** 6ª

Feriado
De **2020** – A UMAR através do Projeto Intervenção Precoce em Igualdade em parceria com a UCC de Almada realizou primeira formação para profissionais docentes e não docentes como agentes qualificados/as no domínio da prevenção, sensibilização e combate a práticas tradicionais nefastas, em particular, à Mutilação Genital Feminina (MGF) ,

**4** SÁB.

**5** DOM.

Feriado
5/6 abril de **2003** – seminário "*Os feminismos no nosso tempo*" seminário da UMAR no Porto.

**6** 2ª

**7** 3ª

**8** 4ª

De **2006** – Abertura pela UMAR do Centro de Apoio a Mulheres vítimas de violência doméstica – CAM.



**9** 5ª

**10** 6ª

De **2010** – Plantação de uma árvore em Lisboa em homenagem à feminista republicana Carolina Beatriz Ângelo.

**11** SÁB.

**12** DOM.

**13** 2ª

**14** 3ª

**15** 4ª



**16** 5ª

**17** 6ª

**18** SÁB.

**19** DOM.

**20** 2ª

**21** 3ª

**22** 4ª



**23** 5ª

**24** 6ª

**25** SÁB.

Feriado
A UMAR participa em todas as manifestações do 25 de Abril com faixa e slogan próprio.

**26** DOM.

MAIO

## NENHUMA MULHER SERÁ REDUZIDA AO SILÊNCIO: 50 ANOS DE COMBATE À VIOLÊNCIA SEXUAL.

|MARISA FERNANDES|

O combate ao assédio e à violência sexual acompanha a UMAR desde os seus primeiros dias. Nos anos 70, quando quase ninguém ousava falar do tema, as nossas ações já davam voz às mulheres silenciadas.

Desde então, com diferentes iniciativas, desde rotas, campanhas, investigações e seminários, a UMAR disse NÃO à violência sexual. A UMAR deu voz às vítimas, levou o tema às ruas e fez dele uma causa pública.

Hoje, através de um Centro de Atendimento Especializado para Mulheres Vítimas de Violência Sexual, sediado no Porto, no Centro de Atendimento e Acompanhamento de Vítimas de Violência Doméstica e de Género, acolhemos, acompanhamos e escutamos mulheres que vivenciaram diferentes formas de violência sexual, providenciando de forma gratuita apoio psicológico, jurídico e social. Através da reflexão e iniciativas do Grupo de Trabalho do Assédio e Violência Sexual, bem como de múltiplas iniciativas por todo o país, a UMAR continua na luta contra todas as formas de violência sexual.

Vivemos um tempo em que a violência sexual assume novas formas e instiga  novas respostas. Persistem a cultura da impunidade, o julgamento das vítimas e o silêncio cúmplice que protege as pessoas agressoras. Mas há também mais vozes a erguer-se contra esta forma de violência. Nas ruas, nas escolas, nas universidades e nos espaços de lazer, as mulheres continuam a dizer: BASTA.

Porque nenhuma mulher deve ser reduzida ao silêncio.

Há 50 anos que a UMAR se move entre memória e futuro, transformando indignação em ação.

50 anos de feminismo vivo, de resistência e sororidade.

50 anos de mulheres que se levantam e não desistem.

**27** 2ª

De **2018** – Debate da UMAR em Viseu sobre as Mulheres e o 25 de abril.

**28** 3ª

De **1987** – A UMAR subscreve com outras associações o Manifesto "*O voto das mulheres deve dar lugar à voz das mulheres*".

**29** 4ª



**30** 5ª

**1** 6ª

Feriado

De **2022** – A UMAR realiza um almoço com mulheres das aldeias de Rompecilha, Covelinhas, Sá e Santo Estevão, para falar de direitos alcançados e a alcançar.

**2** SÁB.

**3** DOM.

**4** 2ª

**5** 3ª

**6** 4ª



**7** 5ª

De **2014** – Início do 6º ciclo da Universidade Feminista com o seguinte lema: "*Ser famosa é ter o nome nas palavras cruzadas ou porque o trabalho das mulheres é desvalorizado.*"

**8** 6ª

De **2018** – A UMAR Coimbra lança uma campanha on line de sensibilização sobre Violência Sexual e Assédio no meio académico.

**9** SÁB.

De **2015** – Seminário da UMAR no âmbito do Projeto Memória e Feminismos sobre "*As crises académicas*" em tempos de ditadura.

**10** DOM.

De **2010** – A UMAR lançou, quando da visita do papa Bento XVI a Portugal, um jornal alternativo com notícias deste tipo: "*Mulheres vão poder ser padres*"; Número dois do Vaticano apela ao uso de contracetivos".

**11** 2ª

De **1980** – A UMAR realiza a Festa da revista Mulher D´Abril.

**12** 3ª

**13** 4ª



**14** 5ª

**15** 6ª

**16** SÁB.

De **1980** – A UMAR lança uma campanha nacional por creches e jardins de infância.
De **1992** – A UMAR participa na Holanda (Utrecht) num seminário sobre Direitos das Mulheres e legislação Europeia.

**17** DOM.

**18** 2ª

**19** 3ª

De **2005** – Entrega da Manta da Solidariedade e da Carta das Mulheres para a Humanidade da Marcha Mundial de Mulheres às mulheres galegas em iniciativa conjunta no Rio Minho.

**20** 4ª

MAIO

**21** 5ª

De **2014** – Seminário do projeto "*Memória e Feminismos*" na Escola Superior de Educação de Setúbal.

**22** 6ª

De **2004** – Participação da UMAR na Marcha Mundial das Mulheres na Galiza (Vigo).

**23** SÁB.

**24** DOM.

**25** 2ª

De **2025** – Assembleia Geral da UMAR em Braga.

**26** 3ª

**27** 4ª



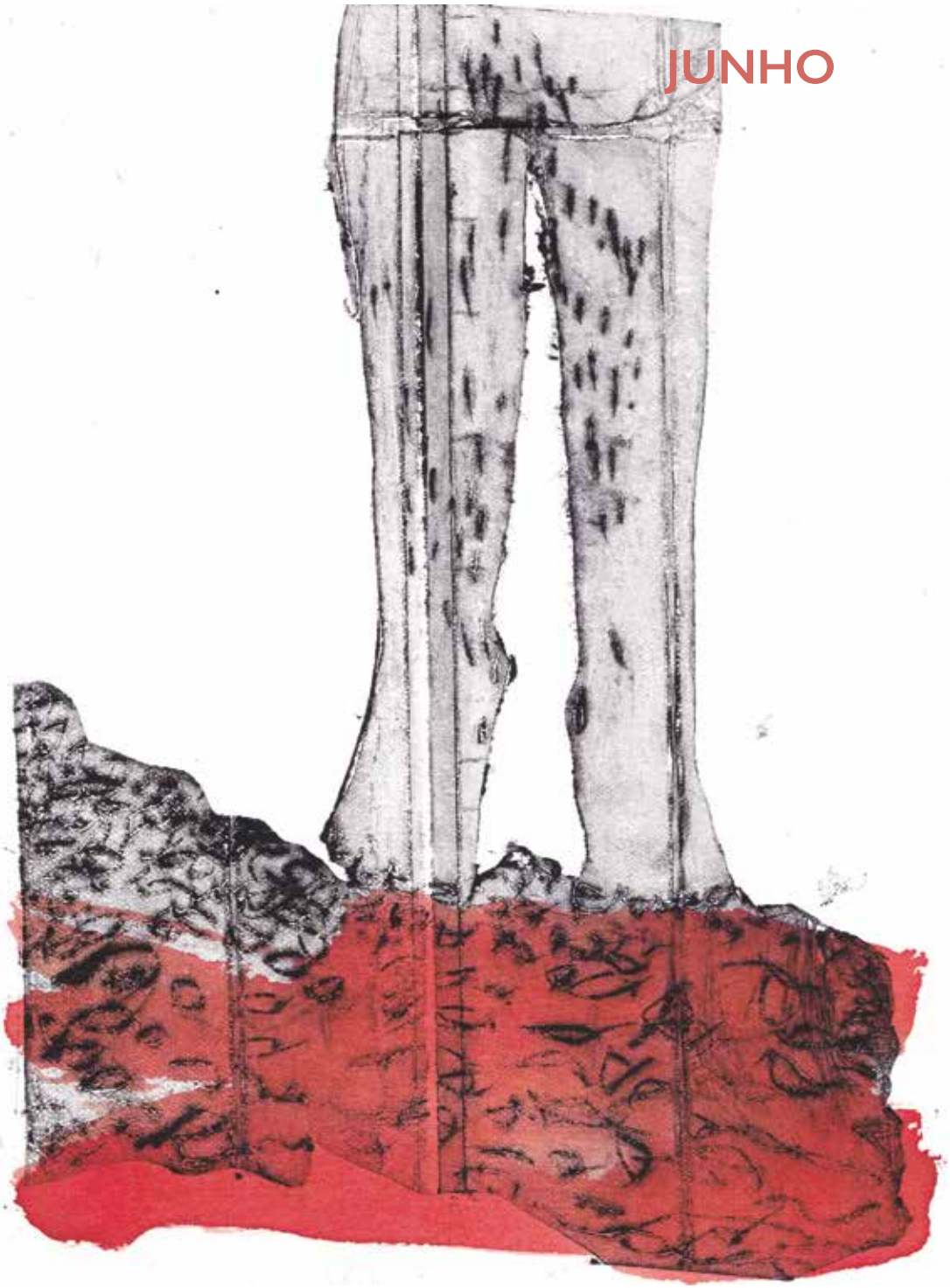
**28** 5ª

**29** 6ª

**30** SÁB.

**31** DOM.

# JUNHO



# UM FEMINISMO PARA TODAS AS PESSOAS: AS LUTAS LGBTQIAPN+ NA UMAR

|LILIANA RODRIGUES|

Em junho, mês em que recordamos a revolta de Stonewall Inn, que marcou um ponto de viragem na luta pelos direitos de pessoas LGBTQIAPN+, começo este texto evocando o feminismo trans, não apenas como um campo de estudo, mas como uma teoria viva e uma proposta política radical de emancipação que enriquece e desafia todo o movimento feminista. Ao assinalarmos os 50 anos da UMAR, este texto serve como mote para a reflexividade, com a urgência e a profundidade que o momento exige, o futuro do nosso movimento: um futuro que só pode ser construído sobre os princípios de um feminismo manifestamente interseccional.

A problematização da interseccionalidade, como é fundamental reconhecer, tem as suas raízes mais profundas e potentes no feminismo negro. Foi esta corrente que, através do Combahee River Collective, iniciou a análise crítica sobre como os diferentes sistemas de opressão não atuam de forma isolada, mas se intersetam, alargando o sujeito político do feminismo para lá da 'configuração mulher-branca-heterossexual-burguesa' (Combahee River Collective, 1977/2012; Nogueira, 2017). A sua luta demonstrou que as opressões de raça, género, classe e sexualidade são simultâneas (Combahee River Collective, 1977/2012), um conceito que Kimberlé Crenshaw viria a cunhar como interseccionalidade para descrever como estas opressões interligadas criam experiências complexas e agravadas de discriminação e marginalização (Crenshaw, 1991/2012; Rodrigues, Carneiro & Nogueira, 2018).

O legado do feminismo negro é, assim, central para entendermos que a nossa luta deve ser também a das mulheres lésbicas, bissexuais, assexuais e de todas as pessoas intersexo e queer. O feminismo trans, em particular, dá-nos um contributo fulcral e transformador ao desconstruir o binarismo de género e as noções bio-essencializadas de 'ser mulher' e 'ser homem' (Lopes, 2015; Rodrigues, Carneiro & Nogueira, 2018; Solá, 2013). O feminismo trans não apenas liberta as pessoas trans, mas desafia as próprias fundações do sistema cis-heteropatriarcal que nos oprime a todas. Ao fazê-lo, amplia a noção de sujeito político do feminismo de uma forma expansiva e inclusiva, acolhendo mulheres e homens trans e todas as pessoas de outras identidades historicamente invisibilizadas (Jesus & Alves, 2010; Rodrigues, Carneiro & Nogueira, 2018).

Esta perspetiva teórica e política não é uma abstração; ela reflete o percurso que a UMAR tem vindo a construir e a aprofundar ao longo da sua história. Nos nossos 50 anos, temos trabalhado para construir um feminismo mais amplo e plural. A nossa presença e apoio ativo nas marchas do orgulho LGBTQIAPN+ não são apenas ações simbólicas, mas a materialização da nossa convicção de que a luta por direitos sexuais e de género é uma luta coletiva. As nossas ações de combate à violência homofóbica, bifóbica, lesbofóbica e transfóbica são parte integrante da nossa luta contra a violência de género em todas as suas formas e des/identidades.

Com 50 anos de idade, hoje, a UMAR reafirma o seu compromisso de fazer pontes entre gerações, entre lutas e com outras organizações. Acreditamos seguramente que um feminismo só será verdadeiramente revolucionário quando assumir, sem ressalvas, um posicionamento interseccional. Esta união é, hoje, mais imprescindível do que nunca. Em tempos de guerra que alimentam a polarização, os discursos de ódio procuram fraturar-nos e destruir a riqueza da nossa diversidade. Construindo-nos como União de Mulheres Alternativa e Resposta, a nossa resposta tem de ser a solidariedade inabalável. É na nossa força coletiva que encontraremos a resistência e o amparo para enfrentar estes discursos e práticas de ódio, a partir dos nossos corpos-territórios por um futuro de paz e liberdade para todas as pessoas, para todos os povos. Porque nenhuma de nós será livre até que todas nós sejamos livres (Hamer, 1971).

---


Combahee River Collective. (1977/2012). Un manifesto feminista Negro. In R. L. Platero (Ed.), Intersecciones: Cuerpos y sexualidades en la encrucijada. Temas contemporáneos (pp. 75–86). Edicions Bellaterra.

Crenshaw, K. (1991/2012). Cartografiando los márgenes: Interseccionalidad, políticas identitarias, y violencia contra las mujeres de color. In R. L. Platero (Ed.), Intersecciones: Cuerpos y sexualidades en la encrucijada. Temas contemporáneos (pp. 87–122). Edicions Bellaterra.

Hamer, F. L. (1971). Address at the founding of the National Women's Political Caucus. National Women's Political Caucus, Washington, D.C., United States.

Jesus, J. G., & Alves, H. (2010). Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. Cronos, 11(2), 8–19. http://periodicos.ufrn.br/index.php/cronos/article/view/2150/pdf

Lopes, F. H. (2015). Agora, as mulheres são outras: Travestilidade e envelhecimento. In J. G. Jesus (Ed.), Transfeminismo: Teorias e práticas (2.ª ed., pp. 171–192). Metanoia Editora.

Nogueira, C. (2017). Interseccionalidade e psicologia feminista. Editora Devires.

Rodrigues, L.; Carneiro, N. S.; & Nogueira, C. (2018). Problematização do feminismo interseccional: o lugar das pessoas transgénero no Brasil e em Portugal. In Múltiplas Discriminações. Lisboa: UMAR. Obtido em: https://www.cdocfeminista.org/wp-content/uploads/2019/01/Semin%c3%a1rio-M%c3%baltiplas-Discimina%c3%a7%c3%b5es.pdf

Solá, M. (2013). Introducción: Pre-textos, con-textos y textos. In M. Solá & E. Urko (Eds.), Transfeminismos: Epistemes, fricciones y flujos (pp. 15–27). Txalaparta.

**1** 2ª

De **1980** – A UMAR realiza o seu 3º Encontro Nacional, na Amadora.

**2** 3ª

De **2010** – Olimpíadas da Igualdade (1.ª edição), projeto BIG/ UMAR, Lisboa.

**3** 4ª



**4** 5ª

Feriado

**5** 6ª

De **2012** – Olimpíadas da Igualdade (2.ª edição), projeto BIG/ UMAR, Lisboa.

**6** SÁB.

**7** DOM.

**8** 2ª

**9** 3ª

**10** 4ª

Feriado



**11** 5ª

De **2014** – Inicio de 7º ciclo da Universidade Feminista sobre Sexualidades e Cidadanias Lésbicas.

**12** 6ª

**13** SÁB.

**14** DOM.

**15** 2ª

**16** 3ª

**17** 4ª

JUNHO

**18** 5ª

**19** 6ª

**20** SÁB.

De **2018** – Abertura no Porto do espaço EIR – Emancipação, Igualdade e Recuperação.

**21** DOM.

De **1980** – A UMAR realiza o seu 3º Encontro Nacional, na Amadora.

**22** 2ª

**23** 3ª

**24** 4ª



**25** 5ª

**26** 6ª

26, 27 e 28 de **2008** – Congresso Feminista em Lisboa (Fundação Gulbenkian e Escola Superior de Belas Artes).

**27** SÁB.

**28** DOM.

# JULHO

## MULHERES IMIGRANTES AFRICANAS: (RE) EXISTEM NAS LUTAS FEMINISTAS

|JANICA NDELA E BEATRIZ GOMES DIAS|

Estamos a celebrar 50 anos da UMAR, 50 anos do progresso das lutas das mulheres. Ao longo destes 50 anos de luta pela igualdade entre homens e mulheres, a UMAR tem denunciado as desigualdades de género e assumido a perspetiva interseccional do feminismo, que reconhece que as discriminações e as desigualdades que resultam da construção social do género se cruzam, e são intensificadas, pelas discriminações e desigualdades que resultam da raça, classe, orientação sexual, identidade de género e capacidade. Esta compreensão ampla da realidade social que afeta todas as mulheres torna a UMAR uma associação de referência no movimento feminista em Portugal.

No contexto das celebrações que assinalamos este ano, importa destacar os 51 anos das independências dos PALOP. Nesta data, também queremos celebrar as conquistas dos espaços de tomada de decisão pelas mulheres imigrantes dos PALOP dentro da UMAR e nos outros espaços públicos. Embora ainda estejam muitas vozes por ouvir, saudamos aquelas que com a sua ação contestam a invisibilidade a que mulheres negras se encontram sujeitas.

Historicamente, as mulheres africanas em Portugal têm sido sujeitas a representações preconceituosas e estereotipadas. Com raízes nas conceções escravocratas e coloniais estas perspetivas reduzem as mulheres negras às representações racistas e estigmatizantes das mulheres escravizadas, consideradas pessoas inferiores e desempenhando tarefas socialmente desvalorizadas como amas, vendedeiras de diversos produtos, lavadeiras, calhandreiras, cozinheiras, padeiras, costureiras, engomadeiras, negras-do-pote e entre outros. Esta ideologia supremacista perpetua as hierarquias raciais e oculta, de uma forma deliberada, todos os contributos das mulheres africanas, ao longo do tempo, para o desenvolvimento social, cultural, económico e político do país.

Por outro lado, nos países africanos ocupados pelo governo português, antes das independências, como a Guiné Bissau, as mulheres tinham consciência da opressão sexista, ou da dominação da cultura di matchundadi, no entanto, no contexto de dominação colonial mobilizaram-se para a luta pela libertação. As mulheres tiveram uma participação determinante na luta pela independência, tendo desempenhado cargos de destaque como: Comissárias políticas, Membros de Comités das aldeias, membros de Conselho Superior de Luta, Comité Executivo de Luta, Bureau Político, enfermeiras, produção cozinheiras dos combatentes; transportadoras dos materiais de Guerra; distribuidoras de propaganda, informantes, uso das suas casas para esconderijos dos combatentes, costureiras e professoras.

Este passado das mulheres africanas é uma importante dimensão da identidade das mulheres africanas na contemporaneidade, o que motiva a afirmação das suas identidades como sujeitos de pleno direito na sociedade portuguesa e não como cidadãs de segunda categoria. De acordo com Bibi Babaré Yusuf, precisamos de uma estrutura que nos possibilite examinar o que significa ser o que somos, e que ao mesmo tempo nos encoraja a perceber o que queremos nos tornar. Esta convicção tem servido de chave para a emancipação de muitas mulheres africanas em diferentes lugares e tempos.

Atualmente, verificamos o envolvimento ativo das mulheres africanas/imigrantes nas lutas feministas em Portugal de diversas formas e em diferentes espaços. Por exemplo, na UMAR como dirigentes, técnicas dos projetos, colaboradoras e defensoras do feminismo interseccional que tem em conta as múltiplas opressões sofridas pelas mulheres em diferentes contextos sociais, culturais, espaços e tempo. Portanto, vale celebrar a existência das múltiplas formas de viver o feminismo, ampliando o campo da luta feminista e afastando as visões mais redutoras do feminismo hegemónico.

Vamos celebrar a união de mulheres, vamos celebrar o progresso das lutas feministas!

Vamos celebrar a (RE)EXISTÊNCIA das MULHERES Negras, Imigrantes africanas, portuguesas negras de descendência africana em Portugal.

> *"Não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas"*
>
> *(Audre Lorde) em memória da camarada Maria Olímpia Abreu Pereira.*

**29** 2ª

**30** 3ª

**1** 4ª



**2** 5ª

**3** 6ª

**4** SÁB.

**5** DOM.

**6** 2ª

**7** 3ª

**8** 4ª

JULHO

**9** 5ª

**10** 6ª

**11** SÁB.

**12** DOM.

**13** 2ª

**14** 3ª

**15** 4ª



**16** 5ª

**17** 6ª

**18** SÁB.

**19** DOM.

**20** 2ª

**21** 3ª

**22** 4ª



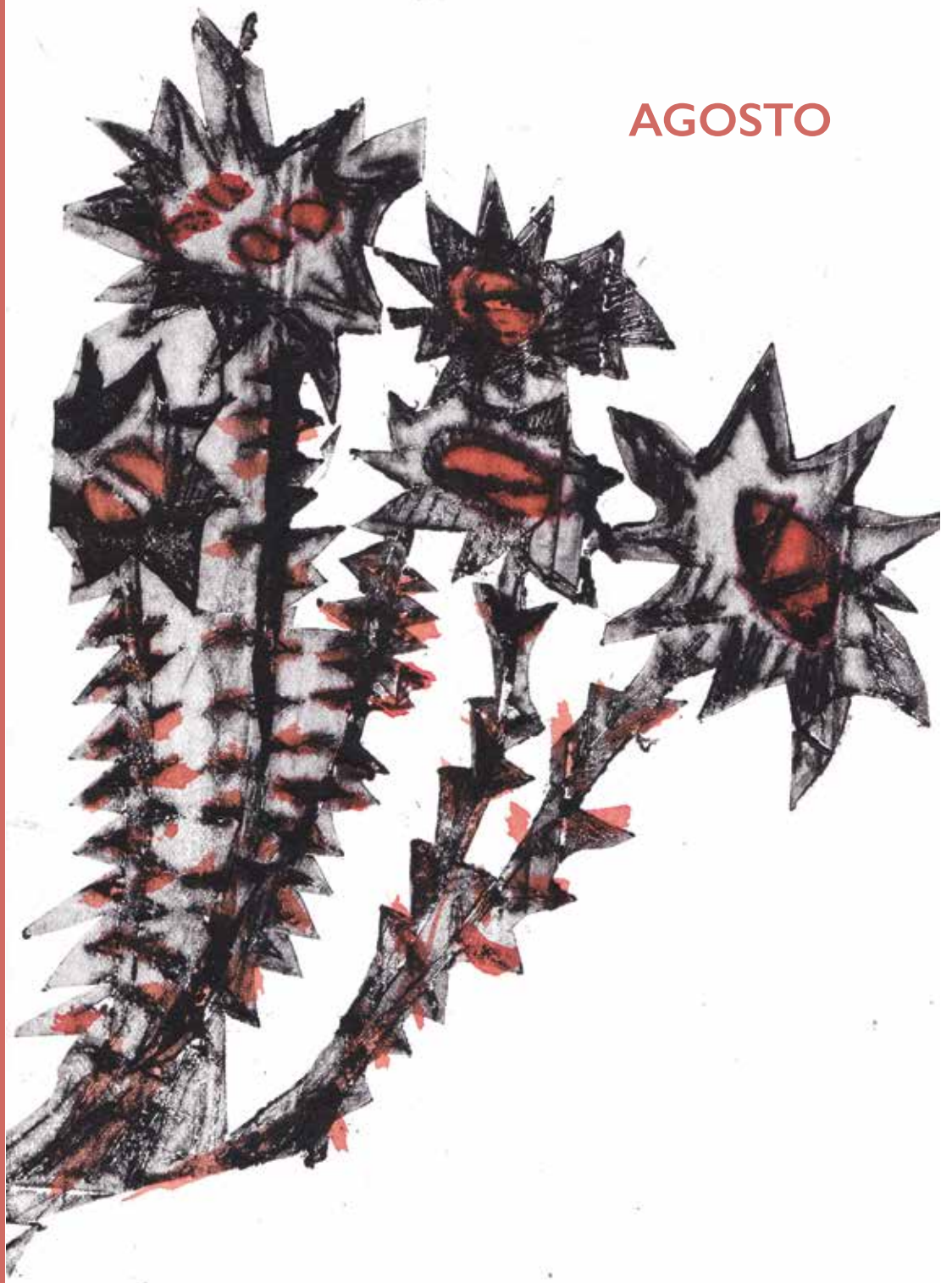
**23** 5ª

**24** 6ª

**25** SÁB.

**26** DOM.

# AGOSTO



## DIVERSIDADE FUNCIONAL: CORPOS QUE RESISTEM, VOZES QUE TRANSFORMAM

|MARTA CALEJO E ANA ROCHA PINHO|

Vivemos num mundo construído para corpos considerados "normais". Escadas sem rampas, empregos que exigem "presença física total", campanhas feministas que celebram a liberdade do corpo – mas apenas de certos corpos. Quando trazemos a diversidade funcional para o centro do feminismo, surge um espelho incómodo: a luta pela igualdade de género tem, muitas vezes, deixado à margem mulheres, pessoas não binárias e dissidentes funcionais. Reconhecer e valorizar a diversidade não pode ser um ideal utópico; tem de ser prática viva, corpo político em movimento, exercício de linguagem e espaço habitado.

As palavras que usamos para nomear não são neutras. "Deficiência", "diversidade funcional": ambos os termos convivem, mas disputam sentidos. Optamos por diversidade funcional como tentativa de romper com a linguagem corrente associada à falta, imperfeição, lacuna. Afinal, quem define o que é normal ou anormal? As palavras são dispositivos de poder e o discurso não descreve o mundo por si só, mas também o produz e domestica os corpos através da imposição de normas de conduta, tal como lembra Foucault. Nomear é criar realidade. O que se diz e o que se cala molda o que pode ser visto, sentido e vivido. Victor Hugo já o intuía em O Corcunda de Notre-Dame: Quasimodo não se via como um corpo disforme até reconhecer, através do olhar do outro, a sua diferença. É nesse instante que nasce o sofrimento – não no corpo, mas na ferida aberta pela norma. É esta normatividade que, como estrutura, é imposta a todos os corpos, sendo que aqueles que transcendem essa normatividade estrutural ficam do lado de fora. Nas palavras de Susane Rodrigues que nos fala do género como uma tecnologia colonial, também aqui nos arriscamos a dizer que esta normatividade corpórea é uma tecnologia de violência que coloniza e domestica os nossos corpos. Esta violência é não só simbólica como material, pois tem implicações concretas no acesso ao pleno emprego e aos espaços urbanos.

O feminismo interseccional defende que não existe uma experiência única. A diversidade funcional cruza-se com género, classe, raça e sexualidade, multiplicando as desigualdades. Uma mulher surda enfrenta obstáculos diferentes dos de uma mulher cega ou neuro divergente, mas todas partilham o mesmo sistema que tenta padronizar o corpo feminino. A sociedade patriarcal, capacitista e heteronormativa constrói hierarquias de valor que definem que pessoas são ouvidas, desejadas ou representadas.

Nas lutas feministas, falar de autonomia corporal é também falar de acessibilidade. Que liberdade existe se o corpo diverso continua a ser visto como "incapaz", "asexuado" ou "dependente"? É urgente romper com a ideia de que empoderar é ser totalmente independente. A interdependência – cuidar e ser cuidada – é um gesto revolucionário contra a lógica produtivista que mede o valor humano pela eficiência.

Muitas pessoas com diversidade funcional continuam a enfrentar duplas e triplas opressões. São infantilizadas, dessexualizadas, submetidas a esterilização forçada, excluídas de espaços de decisão, ignoradas em tribunais sem intérpretes e ausentes dos ecrãs. O capacitismo é estrutura invisível que atravessa o quotidiano, mas também é fronteira que podemos quebrar com linguagem, arte e presença. Há resistência. Há feminismos que se movem na cadeira de rodas, que se apoiam na bengala, que dançam na dor crónica e pensam a partir da diferença. São feminismos que afirmam: o corpo com diversidade funcional não é erro, é potência. É corpo político, digno e desejante. A linguagem é terreno de batalha e de libertação.

Construir um feminismo verdadeiramente interseccional exige reimaginar tudo: o urbanismo, a saúde, a educação, a cultura e a política. Implica rampas e legendas, mas também desejo, prazer e maternidade vividos em todos os corpos. A luta não é só por igualdade, é por justiça. E justiça só existe quando todas as vozes cabem, sem tradução forçada.

O futuro feminista será interdependente ou não será. Um futuro onde o cuidado, a acessibilidade e a diversidade não sejam exceções, mas fundamentos.

Um futuro que não deixa ninguém desprotegido e vulnerável, especialmente em tempos de guerra como o genocídio que se vive na Palestina. Porque a revolução começa quando todos os corpos contam – e quando entendemos que a diferença não nos separa, mas ensina-nos a reinventar o que é ser livre. Palestina presente! Palestina livre!

**27** 2ª

De **2024** – Na sede da UMAR realiza-se um encontro de mulheres negras "*Juntas re(existimos)*" com mercadinho Afro.

**28** 3ª

**29** 4ª

De **2013** – Avaliação da primeira fase do projeto "*Memória e Feminismos*".



**30** 5ª

**31** 6ª

De **2022** – A UMAR através do projeto Ativistas Pelo Fim da MGF I acolheu no espaço do CCIF a primeira celebração do dia Internacional das Mulheres africanas em parceria com várias associações (Djass, Afrolink, SAMANE,AGUINENSO, Plataforma Geni,Coletivo Andorinha,Casa do Brasil & MIPP).

**1** SÁB.

**2** DOM.

**3** 2ª

**4** 3ª

**5** 4ª

AGOSTO

**6** 5ª

**7** 6ª

**8** SÁB.

**9** DOM.

**10** 2ª

**11** 3ª

**12** 4ª



**13** 5ª

**14** 6ª

**15** SÁB.

Feriado

**16** DOM.

**17** 2ª

**18** 3ª

**19** 4ª

AGOSTO

**20** 5ª

**21** 6ª

**22** SÁB.

**23** DOM.

**24** 2ª

**25** 3ª

**26** 4ª

AGOSTO

**27** 5ª

**28** 6ª

**29** SÁB.

**30** DOM.

De **2024/ 2025** – A UMAR participa no Brunch Electronik em Lisboa, durante todo o verão de 2024 e 2025 com banca própria e a apoio a um "*safe space*" – Espaço resguardado, destinado a todas as pessoas que precisem de se retirar do recinto por se sentirem desconfortáveis.

# SETEMBRO

# MAIS DE DUAS DÉCADAS A TRABALHAR NA PREVENÇÃO PRIMÁRIA DA VIOLÊNCIA

|MARGARIDA PACHECO, JOANA MARTINS E MARIA JOSÉ MAGALHÃES|

*Primeiro sem saber porquê*
*e depois com um quê*
*de quem já sabe de saber mudar*
*de quem já sabe de saber fazer*
*uma outra terra no mesmo lugar*
*um lugar feito para a gente viver*
*e mesmo que seja longo*
*mesmo que vá demorar*

A luta contra todas as formas de violência tem sido um trabalho incessante por parte das associadas, ativistas e colaboradoras da UMAR. Nos primeiros anos da década de 2000, o debate entre nós iniciou a reflexão sobre a importância de intervir cedo junto das gerações mais novas. Uma das ativistas que, desde logo, defendeu a intervenção nas escolas foi Ana Paula Canotilho que, entretanto, com muitas saudades nossas, já nos deixou. Com a Ana Paula, fomos desenhando o programa de intervenção pedagógica, beneficiando do trabalho que se ia fazendo nos centros de atendimento e casas de abrigo e dos conhecimentos sobre pedagogia feminista e freireana que nos unia no trabalho nas escolas. Pouco depois da campanha do Barco do Aborto, iniciámos o trabalho na prevenção em 2004, no distrito do Porto, ainda sem financiamento e apenas com trabalho voluntário. Logo nesse ano, muitas pessoas quiseram implementar este para fazer trabalho voluntário nas escolas. A primeira atividade foi fazer formação da equipa - sobre violência de género, violências nas escolas, pedagogia feminista, pedagogia freireana e como agir em caso de alguma criança/adolescente desabafar situações de violência.

Com a ajuda das companheiras da área da violência – Alexandra Dourado, Ilda Afonso, entre outras – enunciamos os princípios éticos da nossa intervenção. Com a equipa de associadas do Porto, entre as quais, Lourdes Domingues que já não está entre nós – desenhamos as atividades que deveriam ser implementadas com crianças, adolescentes e jovens - adaptação da linguagem, atividades lúdicas e centrando o protagonismo infantil e juvenil e não focar apenas na violência, mas também na construção de relações respeitosas e igualitárias.

Com o financiamento, tivemos a possibilidade de alargar a intervenção para além do Distrito do Porto. Hoje, estamos nos distritos do Porto, Braga, Coimbra e Região Autónoma da Madeira. A intervenção em cada Distrito foi realizada, tendo em conta a cultura local das comunidades e os ethos das escolas, anualmente acompanhada com formação da comunidade escolar.

Com o passar dos anos, o programa de prevenção primária da violência, da UMAR, foi sofrendo transformações, tendo em conta as exigências dos tempos e a necessidade de atualização de conhecimentos. Ainda assim, as solicitações por parte das escolas foram crescendo de ano para ano. Uma fatia do trabalho das técnicas é voluntário, e segue o espírito ativista das companheiras que iniciaram este longo percurso.

O alargamento a novas regiões também permitiu uma maior compreensão das diferentes realidades existentes no nosso país, assim como das especificidades e desafios criados pela descontinuidade territorial. Por sua vez, a interação entre as técnicas e voluntárias de diversas regiões, gerações e a participação das técnicas da Região Autónoma da Madeira na formação e capacitação na FPCE-UP foi muito importante para integrar e preparar para a intervenção.

A prevenção primária da violência que tem sido implementada pela UMAR desde 2004 tem sido um processo rico em aprendizagens, transformações e desenvolvimentos. Acompanhámos diferentes fases que se traduziram em efeitos na sociedade, sejam crises sociais, económicas ou financeiras, seja a pandemia COVID-19. Ainda assim, prosseguimos. Fomos capazes de nos reinventarmos, de fazermos as mudanças necessárias e de flexibilizarmos a nossa intervenção, tendo em conta os novos desafios que são a cada dia colocados.

O mundo está em constante mudança. A pandemia deixou marcas profundas em todo o mundo e as liberdades começaram a ser postas em causa. Nos últimos anos, a Europa deixou de ser um lugar tão seguro, com conflitos bélicos perto de nós. Os retrocessos nas mentalidades e em vários países europeus, à boleia dos extremismos de direita, faz-se sentir fortemente. O crescimento da IA e da influência das redes sociais, com a propagação de desinformação e ideologias que fomentam a violência, também têm criado mais desafios à intervenção.

A escola continua a ser o contexto preferencial para prevenir precocemente a violência e a arte, a ferramenta pedagógica essencial para o desenvolvimento de aprendizagens significativas na mudança de valores, atitudes e de comportamentos nas crianças e jovens enquanto cidadãs e cidadãos para a promoção de uma sociedade mais igualitária e de uma cultura de paz.

**31** 2ª

De **2025** – A UMAR participa no Brunch Eletrónico com banca própria e a criação de um "*safe space*" de apoio as mulheres no que se refere aos direitos sexuais e reprodutivos.

**1** 3ª

**2** 4ª



**3** 5ª

De **1990** – A UMAR coloca-se contra a invasão do Iraque pelos EUA, participando nas manifestações pela Paz.
3 a 24 de **2011** – II FeministizARTE – Festival de Arte Feminista.

**4** 6ª

De **1995** – Início da Conferência de Pequim sobre "*Direitos das Mulheres*", onde participa uma ativista da UMAR na delegação portuguesa, através do *Lobby Europeu* de Mulheres.

**5** SÁB.

**6** DOM.

6 a 9 de **2017** – A UMAR colabora na organização da II European Conference on Domestic Violence, que reuniu mais de 400 investigadores/as no Porto.
De **2004** – A UMAR inicia de forma voluntária o trabalho na prevenção primária da violência de género em contexto escolar, no distrito do Porto.
De **2008** – A UMAR consegue o primeiro projeto financiado para a prevenção primária da violência de género em contexto escolar.

**7** 2ª

**8** 3ª

**9** 4ª



**10** 5ª

**11** 6ª

De **1991** – Conferência de Imprensa sobre o BCP – O Banco Com Preconceitos que empregava poucas mulheres.
De **2001** – A UMAR apoia a luta das trabalhadoras da fábrica Confélis em Almada que cortam, a via principal da cidade para chamar à atenção para a falência fraudulenta que levava ao despedimento de cerca de duzentas trabalhadoras.
De **1991** – Curso Livre da UMAR sobre Correntes do Feminismo, realizado na Fundação Mário Soares.

**12** SÁB.

Fundação da UMAR em 1976.

**13** DOM.

**14** 2ª

**15** 3ª

**16** 4ª



**17** 5ª

**18** 6ª

**19** SÁB.

**20** DOM.

**21** 2ª

**22** 3ª

**23** 4ª



**24** 5ª

**25** 6ª

**26** SÁB.

**27** DOM.

# OUTUBRO

## O ENVELHECIMENTO, O OUTONO DO NOSSO DESCONTENTAMENTO?

|TERESA SALES E INÊS GOMES|

Na inexorável passagem do tempo, a velhice é muitas vezes vista como o outono da vida em tempos da reforma em que se poderiam colher os frutos de uma longa jornada de trabalho. Contudo, tal como as folhas que caem, também a fragilidade associada à idade se torna visível, acompanhada de uma forma particular de discriminação – o Idadismo. Esta discriminação relega as pessoas mais velhas para o esquecimento e para a solidão: "já não tens idade para isso", ouve-se frequentemente, como se o valor da pessoa fosse reduzido à sua produtividade ou aparência.

O Idadismo traduz-se em preconceitos e práticas que limitam a autonomia e a visibilidade social. Quando se cruza com as desigualdades de género, dá origem ao Idadismo de Género: as mulheres idosas não só são desvalorizadas pela idade, como continuam a ser vistas através de papéis tradicionais – cuidadoras, frágeis, simpáticas, mas pouco produtivas.

Vivemos numa sociedade que privilegia a juventude em detrimento da velhice. O conhecimento acumulado ao longo dos anos é frequentemente desvalorizado em comparação com a beleza dos/as mais novos/as. As mulheres mais velhas, apesar de muitas vezes serem tratadas como um grupo homogéneo, vivem o envelhecimento de forma interseccional, influenciado pela classe social, nível de escolaridade, etnia, deficiências, entre outros fatores. O envelhecimento, associado ao marco da reforma aos 65 anos, continua a ser visto como algo negativo. Estereótipos opõem juventude e velhice como pólos contrários, esquecendo que envelhecemos desde que nascemos.

Ao longo da sua história, a UMAR tem procurado dar visibilidade às múltiplas discriminações que afetam as mulheres em contextos interseccionais. O esboço do trabalho sobre o Idadismo de Género, pioneiro em Portugal, começou em 2020 durante a pandemia com a tertúlia "Esta sociedade não é para velhas", debatendo isolamento, idadismo e sexismo.

Em 2021, o projeto "A Idade e o Género: até onde vai o preconceito?", desenrolou-se em duas fases: através de tertúlias com vários temas e com a participação de especialistas nestas áreas específicas e na apresentação da Agenda Feminista 2022, com 12 mulheres de diferentes regiões do país.

É neste contexto que surge o projeto "O envelhecimento e o género numa perspetiva interseccional" (2022–2023), que se desenvolveu através de várias tertúlias temáticas e de um estudo aplicado a 30 mulheres que refletiram sobre o seu processo de envelhecimento. As respostas foram analisadas e apresentadas na publicação "As mulheres e a velhice: respeito ou preconceito?". Este projeto incluiu também a performance "Envelhecemos desde que nascemos", que de forma direta e descomplicada mostrou situações do dia-dia de discriminação que muitas vezes passam despercebidas.

Em 2024–2025, o projeto "Idadismo de género, realidades por desocultar! Políticas Públicas" abriu caminho à ação institucional, recolhendo práticas públicas para a situação das mulheres mais velhas e analisando como as autarquias encaram o envelhecimento da sua população e as respostas existentes, com enfoque na solidão, no alojamento e no acompanhamento. O livro do projeto anterior continuou a ser apresentado em universidades, câmaras municipais e conferências. A performance "Envelhecemos desde que nascemos" foi também reapresentada em Almada, reforçando a sua força de sensibilização social.

Todos estes projetos foram implementados com o apoio da pequena subvenção da CIG, que tornou possível ampliar a reflexão, a ação e a visibilidade do Idadismo de Género em Portugal.

Celebrar 50 anos da UMAR significa celebrar também o caminho feito no combate ao Idadismo de Género, desde a denúncia dos estereótipos que marginalizam as mulheres mais velhas até à construção de propostas concretas de políticas públicas. É um percurso que passa do reconhecimento à ação, com um compromisso claro: afirmar que as mulheres mais velhas não são "o outono da vida", mas sim protagonistas de todas as estações.

A todas as mulheres que partilharam memórias, experiências e reflexões, tornando possível este caminho coletivo contra o Idadismo de Género – o nosso profundo reconhecimento e gratidão.

SETEMBRO

**28** 2ª

**29** 3ª

De **2011** – Abertura do Centro de Cultura e Intervenção Feminista da UMAR em Alcântara – Lisboa.

**30** 4ª

OUTUBRO

**1** 5ª

**2** 6ª

**3** SÁB.

**4** DOM.

4 e 5 de **2014** – Encontro de Mulheres em Braga "*Feminismos para que vos quero?*".

**5** 2ª

Feriado

**6** 3ª

**7** 4ª

**2002** – Participação em manifestação com um troço próprio com o lema "se *as mulheres param, o mundo para*".

OUTUBRO

**8** 5ª

8 e 9 de **2018** – Seminário no Porto sobre Assédio e violência sexual: vítimas, perpetradores, e "*bystanders*".

**9** 6ª

**10** SÁB.

**11** DOM.

11 e 12 de **2013** – Abertura da Universidade Feminista, uma iniciativa da UMAR alargada ao espaço académico e ativista.

**12** 2ª

**13** 3ª

**14** 4ª



**15** 5ª

De **2024** – Dia Internacional das Mulheres rurais – lançado o Manifesto "*Mulheres Rurais, Identidade, Reconhecimento e Direitos*" na aldeia de Rompecilha (S.Pedro do Sul-Viseu).

**16** 6ª

**17** SÁB.

De **2002** – Divulgação da brochura "*Ser feminista é outro mundo também*".

**18** DOM.

**19** 2ª

**20** 3ª

De **2012** – Curso Livre "*Corpos e Sexualidades: uma Questão de Género na Publicidade*", em Lisboa no CCIF/ UMAR.
De **2013** – Início do 1º ciclo da Universidade Feminista no espaço da UMAR sobre Migrações e Cidadania.

**21** 4ª

OUTUBRO

**22** 5ª

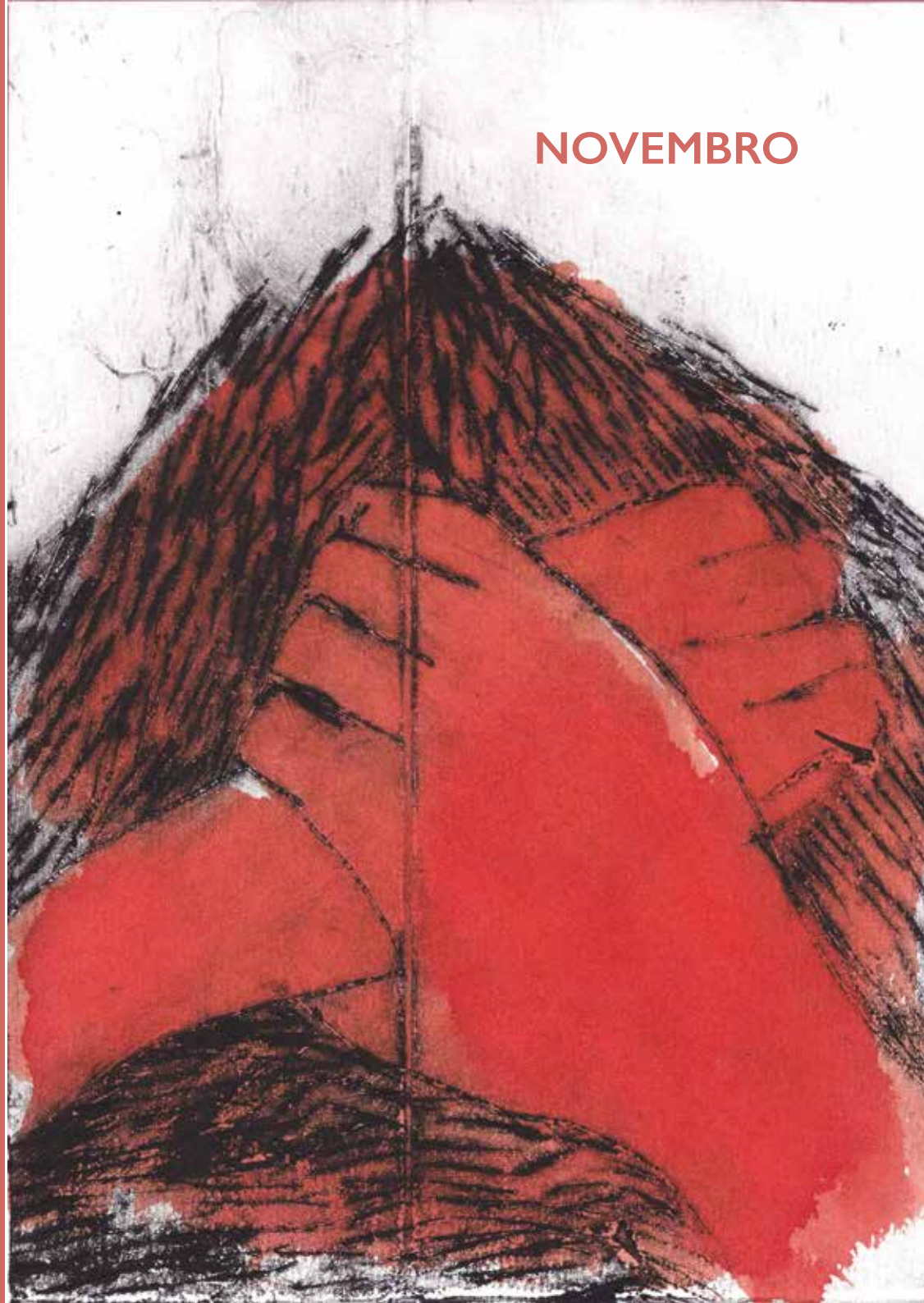
De **2012** – Curso Livre na UMAR com o tema: Para além da Masculinidade Hegemónica.

**23** 6ª

**24** SÁB.

**25** DOM.

# NOVEMBRO



## NEM UM PASSO ATRÁS, PELAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E DE GÉNERO!

|ANABELA GOMES, ELSA BRANCO E ALEXANDRA DOURADO|

Corriam os anos 90. A UMAR dinamizava um projeto em Almada e, com a confiança e a proximidade conquistadas, mulheres e crianças começaram a refugiar-se na Quinta, em fuga de maridos e pais que lhes aterrorizavam a vida, à procura da Boa Esperança. A violência atravessava os portões da Quinta e, todos os dias, partilhávamos os medos, as dores e as pequenas vitórias destas mulheres, crianças e jovens. Lançámo-nos para a frente, exigindo que a Violência Doméstica fosse reconhecida como crime público. Era a estratégia para que não fossem coagidas a desistir das queixas, a forma de afirmar que "o privado, afinal, era público"! Foi um grande passo legislativo, mas parecia difícil que a sociedade portuguesa e o Estado entendessem a gravidade deste crime. Na UMAR, criavam-se serviços de apoio à vítima enquanto gritávamos na rua para que toda a gente ouvisse, sempre! E, sobretudo, Novembro atrás de Novembro...

O conceito de crime passional era ainda muito usado, ocultando os crimes de ódio e de Violência de Género. Em 2004, lançámos o Observatório das Mulheres Assassinadas, espaço de denúncia, análise e memória. Denunciávamos o número de mulheres mortas em relações de intimidade, por serem mulheres e revelávamos que a imprensa ainda as escondia sob a égide dos crimes passionais. Alertávamos para a urgência da prevenção e da formação estruturadas e para a necessidade de olhar este crime a partir da complexidade das relações, dos papéis de género e das desigualdades que o sustentam.

Fiéis ao nosso modelo de intervenção, ecologista e feminista, percebemos desde cedo a importância da advocacy e do trabalho em rede, instrumentos indispensáveis para apoiar e fortalecer as mulheres, crianças e jovens com quem trabalhávamos e trabalhamos. A luta não se fazia apenas com palavras, mas com estruturas, alianças, resiliência, profissionalismo e coragem partilhada.

Em 2007, o Código Penal passou finalmente a reconhecer o crime de Violência Doméstica, embora com sucessivas alterações que procuravam definir as suas fronteiras, relações e vítimas. Mas, enquanto isso, onde acolher as mulheres que tinham medo de regressar a casa? Onde abrigar quem não podia permanecer indefinidamente escondida numa pensão? Onde amparar as que a nós recorriam e acabavam por se refugiar em congregações religiosas? Lançámo-nos novamente à ação: exigimos Casas de Abrigo para que mulheres, crianças e jovens pudessem encontrar segurança e reconstruir a vida. Em 2002, é inaugurada a primeira Casa de Abrigo da Rede Pública sob gestão da UMAR, com uma equipa preparada para acolher com dignidade e profissionalismo, respeitando ética, deontologia e humanidade. Foi um passo decisivo na proteção das vítimas, mas também o espelho da resistência na aplicação da lei.

Só em 2009, pela Lei 112, se regulamenta a intervenção junto das Vítimas de Violência Doméstica. Essa conquista foi a força motriz para dar resposta a antigas exigências. Contudo, é com a assinatura da Convenção de Istambul que vemos acolhidas muitas das nossas preocupações: a Violência de Género é reconhecida como violação dos Direitos Humanos e expressão das desigualdades estruturais entre Mulheres e Homens.

Sempre conscientes da necessidade de proteger as vítimas e de combater a vitimação secundária que tantas ainda enfrentam ao recorrer ao sistema de proteção, não baixámos – nem baixamos – os braços! Continuamos a caminhar lado a lado com todas as que resistem, todas as que sobrevivem, todas as que ousam recomeçar.

Volvidos mais de 30 anos, 30 Novembros, continuamos SEMPRE! Nem um passo atrás!

Na aplicação da Lei. Na concretização da Convenção de Istambul. Na criação de tribunais de competência mista para crimes de Violência de Género. Na prevenção estruturada e disseminada da Violência Doméstica e de Género. No reconhecimento e valorização das e dos profissionais especializadas/os. Contra a banalização, contra o silêncio e pela defesa firme da Igualdade de Género.

NEM UM PASSO ATRÁS!

**26** 2ª

**27** 3ª

De **1993** – A UMAR realiza nos Açores, em Ponta Delgada o seminário "*Mulheres e Desenvolvimento Local*".

**28** 4ª

De **2010** – A UMAR realiza na Câmara Municipal de Lisboa uma sessão de lançamento de quatro roteiros feministas da cidade de Lisboa.



**29** 5ª

**30** 6ª

**31** SÁB.

De **1992** – A UMAR inaugura a sua sede na R. da Madalena, nº66.

**1** DOM.

Feriado

**2** 2ª

De **2021** – Abertura pela UMAR/ Porto de uma Resposta de Apoio Psicológico a crianças e jovens vítimas de violência doméstica (P'RA TI crianças e jovens).

**3** 3ª

**4** 4ª

NOVEMBRO

**5** 5ª

**6** 6ª

**7** SÁB.

**8** DOM.

**9** 2ª

De **1991** – Seminário da UMAR na Assembleia Municipal de Lisboa sobre Mulheres e Poder Político.

**10** 3ª

**11** 4ª

NOVEMBRO

**12** 5ª

**13** 6ª

**14** SÁB.

**15** DOM.

**16** 2ª

**17** 3ª

**18** 4ª



**19** 5ª

**20** 6ª

De **2021** – A UMAR através do projeto Ativistas Pelo Fim da MGF I deu início a ação as sessões de Djumbai/Tertúlia *online*.

**21** SÁB.

**22** DOM.

**23** 2ª

De **1991** – A UMAR organiza em Ovar um debate sobre Saúde das Mulheres.

**24** 3ª

**25** 4ª

A UMAR participa todos os anos nas manifestações do dia internacional contra a violência sobre as mulheres.
A UMAR participa em diversas ações no âmbito dos 16 dias de ativismo e, desde 2004, sinaliza o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres, com o lançamento de dados do Observatório de Mulheres Assassinadas.
De **2009** – Neste ano a UMAR lança o seguinte lema: "*De luto e em luta*" e são colocadas faixas negras com letras em branco em edifícios de diversas entidades como Câmaras Municipais, Escolas, Juntas de Freguesia,…

NOVEMBRO

**26** 5ª

**27** 6ª

27 a 29 de **2009** – Festival de Arte Feminista em Braga (1ª edição).
De **2010** – Grito pela Justiça, ação de rua contra a violência contra as mulheres, Porto.

**28** SÁB.

**29** DOM.

# DEZEMBRO

## UM ESPAÇO CONQUISTADO, UM COMPROMISSO RENOVADO COM A IGUALDADE

|JOANA MARTINS, CÁSSIA GOUVEIA, VALENTINA SILVA FERREIRA, GUIDA VIEIRA E ASSUNÇÃO BACANHIM|

A história do núcleo da UMAR da Região Autónoma da Madeira é feita de determinação. Durante décadas, sem sede própria, o núcleo resistiu e cresceu com criatividade: o trabalho era desenvolvido em cafés ou nas casas das companheiras. No entanto, tudo mudou no dia 10 de dezembro de 2014, quando, com o apoio da Câmara Municipal do Funchal, a UMAR Madeira pôde finalmente abrir as portas da sua própria sede.

Esta conquista, no entanto, não surgiu pronta. Para tornar o espaço funcional e acolhedor, foi necessário um esforço coletivo e generoso. Várias companheiras arregaçaram as mangas: pintaram paredes, decoraram salas com objetos reciclados e móveis doados, alguns deles com histórias de décadas. Criou-se, assim, uma sede com alma, construída com afeto, trabalho voluntário e um forte sentido de pertença. Este espaço passou a ser não apenas um ponto de encontro, mas também um centro de criação, partilha e intervenção.

A sede permitiu-nos ir mais longe. Com um espaço próprio, tornou-se possível constituir uma equipa mais estável, com melhores condições, e desenvolver iniciativas com impacto contínuo na comunidade. Ao longo da última década, este espaço físico serviu de base para múltiplos projetos de intervenção e empoderamento, sempre com uma forte ligação entre gerações. A presença e afirmação de mulheres mais jovens têm sido fundamentais para renovar o compromisso feminista, integrando novas linguagens e estratégias, sem perder de vista as lutas históricas que deram origem à associação.

A UMAR Madeira também se afirmou como uma parceira ativa e empenhada em redes regionais, nacionais e internacionais. Estabelecemos colaborações com diversas associações e entidades ligadas à intervenção social, à cultura, às artes, aos direitos humanos, ao ambiente e ao desenvolvimento comunitário. Estas parcerias têm sido essenciais para ampliar o nosso alcance e enriquecer os nossos projetos com diferentes perspetivas e experiências. O trabalho em rede fortalece a nossa ação e contribui para a construção de pontes entre lutas e territórios.

Entre as muitas iniciativas desenvolvidas na sede, destacam-se a edição de livros com histórias de vida de mulheres de vários concelhos da região, a divulgação de livros de associadas e outros resultantes de projetos, assim como a organização de uma biblioteca feminista. Também os concursos de artesanato e artes plásticas, promovidos com a participação de pessoas de todas as idades. Os temas abordados – feminismos, direitos humanos, direitos das crianças, sustentabilidade, entre outros – refletem o nosso compromisso com uma intervenção artística, educativa e política. Por sua vez, todos os anos a sede enche-se de cor e mensagens com os trabalhos resultantes do projeto ART'THEMIS+, de prevenção da violência nas escolas, feitos pelas crianças e jovens. Por fim, todas estas obras encontram-se expostas na sede, transformando o espaço num pequeno centro cultural vivo, onde a arte e a reflexão caminham de mãos dadas.

Estas ações reforçam o papel do núcleo enquanto agente de mudança social, através da educação para os direitos, da valorização da expressão artística e da promoção de uma cultura de igualdade. A sede tornou-se, assim, um lugar de resistência, de celebração da diversidade, de construção de pensamento crítico e de acolhimento de todas as que procuram um mundo mais justo.

A luta pelos direitos das mulheres continua a ser tão urgente hoje como no passado. A desigualdade de oportunidades, a violência de género, a precariedade laboral e a exclusão continuam a afetar a vida de muitas mulheres. Por isso, a UMAR Madeira mantém viva a sua missão: criar espaços de diálogo, apoio, formação e mobilização, num caminho coletivo e intergeracional rumo à igualdade.

A história da sede da UMAR Madeira é a prova de que, com vontade, união e solidariedade, é possível transformar desafios em oportunidades. É um espaço conquistado, construído com o trabalho e dedicação de muitas mulheres, e que hoje continua a ser um farol de resistência feminista, criatividade e esperança.

**30** 2ª

De **2024** – Lançamento da agenda feminista 2025.

**1** 3ª

Feriado

**2** 4ª

De **2009** – A UMAR promove com a Embaixada do Chile uma Conferência com Michele Bachelet na Fundação Calouste Gulbenkian.



**3** 5ª

De **2014** – Início do projeto ART'THEMIS – Jovens Protagonistas na Prevenção e Igualdade de Género, projeto que alargou a prevenção primária da violência de género aos Distritos de Porto, Braga e Coimbra.

**4** 6ª

De **1977** – II Encontro Nacional da UMAR na Voz do Operário.
De **1994** – A UMAR realiza um Tribunal de Opinião no Centro de Estudos Judiciários sobre Família e Direitos das Mulheres, onde são denunciadas situações de violência nas relações conjugais.

**5** SÁB.

5 e 6 de **1998** – Seminário sobre o Movimento Feminista em Portugal em Lisboa no Auditório do Montepio Geral.

**6** DOM.

De **2011** – Início do Ciclo de Cinema sobre Mulheres Palestinianas.

**7** 2ª

De **2002** – Abertura da primeira Casa Abrigo da Rede Pública, mediante Acordo da UMAR com a Segurança Social.

**8** 3ª

Feriado

**9** 4ª

De **1985** – A UMAR apoia a candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo à Presidência da República.

DEZEMBRO

**10** 5ª

De **2014** – Inauguração da sede da UMAR no Funchal – Madeira.

**11** 6ª

De **2020** – Mural pela Igualdade, Braga.

**12** SÁB.

**13** DOM.

**14** 2ª

**15** 3ª

**16** 4ª

De **2024** – Encontro de mulheres imigrantes sobre "*Práticas tradicionalmente nefastas*".

DEZEMBRO

**17** 5ª

**18** 6ª

**19** SÁB.

**20** DOM.

**21** 2ª

De **1977** – A UMAR lançou no Porto o manifesto "*Por um inquérito rigoroso ao tráfico de seres humanos e corrupção de jovens mulheres*".

**22** 3ª

**23** 4ª

DEZEMBRO

**24** 5ª

**25** 6ª

Feriado

**26** SÁB.

**27** DOM.

**28** 2ª

**29** 3ª

**30** 4ª



**31** 5ª

**1** 6ª

**2** SÁB.

**3** DOM.

## REFLEXÕES FINAIS DA AGENDA: FEMINISMOS PARA QUE VOS QUERO?[1]

Com meio século de luta e resistência, a UMAR olha para a sua história não como um memorial do passado, mas como um espaço de reconstrução de presente e futuro. Este marco histórico impõe-nos um balanço, mas, mais urgentemente, desafia-nos a encarar o que nos espera, as lutas presentes e as que se avizinham.

É neste ponto de viragem que a pergunta ressurge na introdução desta agenda, que força é esta? Mas também um outro mote: Feminismos para que vos quero?

A resposta é uma resistência constante, uma prática diária; uma construção coletiva que reconhece a memória e que por isso se recusa a dar um passo atrás.

É, antes de mais, um feminismo de olhos abertos e voz ativa. É o que está atento, o que não cala! Não se instala na injustiça naturalizada, não desvia o olhar da dor disfarçada de tradição e não aceita o silêncio como resposta. É um feminismo vigilante, que escuta as margens e que transforma a indignação individual em grito coletivo.

Um feminismo que instiga à reflexão constante, à autocrítica. Um feminismo que nos desafia a questionar os nossos próprios privilégios, a reconhecer que a nossa luta só é potente se for permanentemente refletida. Procuramos a integridade de um movimento que aprende, que não tem medo da mudança e de se reformular.

Esta reflexividade permite-nos fazer a análise do mundo em que vivemos. O nosso feminismo é aquele que identifica os sistemas opressores na sua complexa teia. Sabemos que o patriarcado não atua sozinho; ele alimenta-se do capitalismo, fortalece-se no racismo, legitima-se na LGBTfobia e destrói o planeta com a sua lógica de exploração e esgotamento dos recursos. A nossa luta é contra os múltiplos sistemas que nos oprimem!

É por isso que o nosso feminismo se assume como anti-racista, anti-lgbtfóbico, anti-capitalista, ecologista e, sim, de esquerda! É um feminismo que combate a "Violência de Inexistir", como nos refere Nuno Santos Carneiro (2013). Lutar contra esta violência é lutar pelo direito a existir plenamente, a sermos vistas, ouvidas e valorizadas na nossa inteireza, seja como mulheres negras, ciganas, migrantes, trans, lésbicas, bissexuais, com deficiência, trabalhadoras sexuais ou trabalhadoras precárias. Resistir à violência de inexistir é a nossa primeira revolução. E toda a revolução é coletiva! O feminismo que queremos é aquele que cria alianças, que produz redes de solidariedade para lá das nossas fronteiras simbólicas e reais e que está na intersecção de muitas lutas. Com estas alianças, nós (re) construímos resistência, respeitando a memória das que nos antecederam e calcetando o caminho português e internacional para as que virão.

Finalmente, no âmago desta luta incansável, impele a política do afeto. O nosso feminismo é o que co/constrói espaços de afeto, de cuidado mútuo, de escuta e de amparo. Porque num mundo que nos quer exaustas e isoladas, cuidar umas das outras é um ato radical de subversão. É este cuidado que nos "ajuda" a sobreviver. Mais do que ajudar, ele é a própria estrutura que nos permite continuar, que transforma a sobrevivência individual em resistência coletiva e continuidade.

Para 2026, este é o nosso compromisso. Um feminismo que luta e que cuida. Um feminismo que sabe que as opressões se entrelaçam e que, por isso, a nossa resposta é a luta em coletividade. Uma luta que não deixa ninguém para trás, uma luta intransigente que tem um nome e um horizonte: a libertação de todos os povos.

Palestina Livre!

Juntas, somos a UMAR: Unidas, construímos o feminismo que queremos: o feminismo interseccional!

---

1. Título inspirado no Encontro "*Feminismos para que vos quero?*", evento organizado pela KRIZO e UMAR Braga, nos dias 4 e 5 de Outubro de 2017, em Braga.

Carneiro, N. S. (2013). *Contra a "violência de inexistir": psicologia crítica e diversidade humana.* Psicologia & Sociedade, 25(1), 4-13. Obtido em: https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000100006

DE NORTE A SUL
E ILHAS, OCUPAMOS
AS RUAS E FIZEMOS DE
NOSSOS CORPOS E
VOZES, MANIFESTO.
NO PASSADO COMO
HOJE, SOMOS
RESISTÊNCIA,
SOMOS REDE, SOMOS
MULHERES EM UNIÃO!

**DE NORTE A SUL**

**E ILHAS, OCUPAMOS**

**SEDES E INSTITUIÇÕES,**

**PRODUZIMOS TEORIA,**

**RESISTÊNCIA E ARTE.**

**FIZEMOS POLÍTICA E**

**SOUBEMOS DANÇAR**

**NA CHUVA! NINGUÉM**

**PÁRA ESTA TORRENTE!**

## REUNIÃO

|MARIA JORGETE TEIXEIRA|

Éramos 20, 30 ou mais mulheres
e ali estávamos
nervosas mas firmes
tínhamos deixado a casa e as crianças
tínhamos falado aos companheiros
Discutimos e gritámos
os nossos direitos
E ali estávamos.

As mais velhas falavam
da experiência vivida
do magro pão com toucinho
das lágrimas vertidas
das reformas de fome
e as novas ali estavam
com os fatos coloridos
e o seu rosto de esperança

Vínhamos dos campos
Trazíamos no peito
o amor à terra conquistada
a esperança das searas maduras
e nos olhos o vermelho das papoilas
Trazíamos a revolta
a raiva pelo que nos roubavam
a dor pelos que mataram
e ali estávamos
nervosas, mas seguras.
Vínhamos das cidades
e das escolas
e trazíamos o amor pela vida
Éramos 20, 30,
muitas mulheres
e ali estávamos
nervosas, mas seguras

Tínhamos a força da
seiva o calor
da lareira que aquece
gerávamos a vida

E ali estávamos
nervosas, mas seguras
à procura de um
mundo novo.

Fevereiro de 1979

## MULHER-REUNIÃO

|MARIA JORGETE TEIXEIRA|

Somos centenas, somos milhares
caminhamos juntas
há muitas luas
enchemos o mundo com os ecos da vida
erguemos muralhas contra a opressão

Incendiamos praças
com o querer aceso
sob séculos de algemas
o medo não nos tolhe
quem ousará calar a nossa voz?

Somos filhas do vento,
troncos retorcidos pelas borrascas
vergamos, não quebramos

Construímos pontes
descobrimos caminhos
outras vozes, outras cores
nos campos, nas fábricas, nas cidades e ruas
em palcos outrora interditos
acendemos candeias na escuridão

Hoje caminhamos mais seguras
mais ousadas, mais firmes
Somos corpo e alma em plenitude
sem tutela nem muralhas

Combatemos as trevas
Não tememos os queimadores de bruxas
nem quem tenta puxar o mundo para trás
Temos asas ousadas e fortes cavernames
Não nos calarão!

Outubro de 2025

# CALENDÁRIO ANUAL | 2027

JANEIRO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | 1 | 2 | 3 |
| 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 |
| 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |

FEVEREIRO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
| 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 |

MARÇO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
| 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 |
| 29 | 30 | 31 | | | | |

ABRIL

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
| 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 |
| 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | | |

MAIO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | 1 | 2 |
| 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 |
| 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 |
| 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 |
| 31 | | | | | | |

JUNHO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
| 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 |
| 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 |
| 28 | 29 | 30 | | | | |

JULHO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
| 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 |
| 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | |

AGOSTO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | 1 |
| 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
| 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 |
| 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 |
| 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 |
| 30 | 31 | | | | | |

SETEMBRO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | | | |

OUTUBRO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | 1 | 2 | 3 |
| 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 |
| 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |

NOVEMBRO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
| 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 |
| 29 | 30 | | | | | |

DEZEMBRO

| S | T | Q | Q | S | S | D |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | | |

# FICHA TÉCNICA


**TÍTULO**
Que força é esta? 50 anos da UMAR.

**ELABORAÇÃO DE TEXTOS**
Alexandra Dourado, Ana Rocha Pinho, Anabela Gomes, Assunção Bacanhim, Beatriz Gomes Dias, Carla Cerqueira, Carolina Moreira, Cássia Gouveia, Elsa Branco, Guida Vieira, Helena Grangeia, Idalina Rodrigues, Inês Gomes, Janica Ndela, Joana Martins, Joana Sales, Liliana Rodrigues, Luísa Barateiro, Manuela Tavares, Margarida Pacheco, Maria Dovigo, Maria José Magalhães, Maria Jorgete Teixeira, Marta Calejo, Patrícia Martins, Sara Magalhães, Tatiana Mendes, Teresa Sales, Valentina Silva Ferreira.

**CONCEÇÃO GRÁFICA**
Marta Calejo | www.martacalejo.com

**CAPA E ILUSTRAÇÕES**
Ana Salomé Paiva

**REVISÃO DE TEXTO**
Carla Kristensen, Cátia Pontedeira, Deolinda Mendes, Inês Gomes

**RECOLHA DE FOTOGRAFIAS**
Catarina Sousa, Idalina Rodrigues, Inês Gomes, Manuela Pereira, Manuela Tavares

**TIPO DE LETRA**
Gill Sans

**PAPEL**
Capa | IOR HW 300g
Miolo | IOR Creme 80g

**IMPRESSÃO**
Rainho & Neves, Lda.

**TIRAGEM**
1000 Exemplares

**EDIÇÃO**
UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta
Rua da Cozinha Económica, Bloco D, Espaços 30M e 30N, Alcântara
1300-149 Lisboa